

Orelha
-0. NOV. 1944



**VIDA
MUNDIAL**

ANO IV—N.º 185

30 DE NOVEMBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

A patinadora Gina Campos, a Sônia Hennie portuguesa, vai abandonar os patins?

(Ver reportagem na pág. 9)

(Fotos de Jorge Garcia)

ILUSTRADA

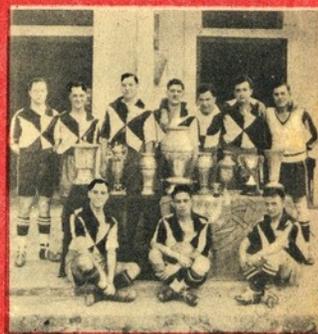
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

NÊSTE NÚMERO:



Na América do Norte, há escolas onde os alunos aprendem a ser cidadãos e políticos!

(Ver páginas centrais)



No Congo Belga, há um grupo de portugueses denominado «Amicale Portugaise», cuja obra é um prodígio.

(Ler página 11)



A vedeta vai tomar banho. Quere acompanhar-nos na indiscreção do fotógrafo dos estúdios?

(Veja página 8)

Regresso da volta ao mundo

FERREIRA de Castro está de novo presente em Lisboa, saudades já da volta ao mundo. Viu terras, mares, costumes e gentes de vários aspectos e feições, de vária índole e sabor. Mas o que melhor viu e observou não foram as paisagens, os monumentos, a beleza exterior dos imensos caminhos do globo que percorreu, atento, sem dúvida, e muitas vezes deslumbrado, assombrado ou enleado. Não, não foi isso o que mais profundamente cativou o seu interesse de peregrino lúcido, sempre ansioso de compreender e pesquisar os mistérios da vida. Não foi só isso, de facto, embora «A Volta ao Mundo» nos dê, em cada página, em cada período, em cada frase, a imagem fiel de quanto ali se pretende evocar ou descrever, retratar ou fixar. Ferreira de Castro quis ir, conseguiu e soube ir mais além, muito mais além: — desejou e realizou uma viagem através das almas dos povos e dos homens em cujas pátrias ia passando. Viagem de inéditas seduções e de estranhas surpresas, que para outros seria porventura — se acaso a tentassem — motivo e causa de pessimismos dolorosos ou de cepticismos ríspidos perante as misérias físicas ou morais da Humanidade sofredora, sempre inevitáveis e sempre angustiosas no sentir de quem possui, como Ferreira de Castro, coração e espírito capazes de entendê-las, de avaliá-las e de lamentá-las. Ferreira de Castro, porém, não extraiu dos espectáculos que a seus olhos surgiram — por muito pungentes, dramáticos e mesmo indignantes que tivessem sido alguns — não extraiu do conjunto de todos eles uma lição de melancolia ou desânimo, explicitável, senão justificável em numerosos casos. A esperança latente na energia construtiva dos homens de hoje, que em todas as latitudes alvorece — a esperança e a confiança numa existência mais alta, mais pura de intenções e mais nobre de realizações — impressionou-o acima de tudo. Nem as fanatizadas multidões do Ganges, nem os selvagens criminosos de Bornéu, nem os erros, faltas ou violências de outras gentes de mais civilizada fisionomia, apagaram no autor dos «Emigrantes», da «Selva» e da «Eternidade» — três livros que são três gritos de fé na progressiva melhoria da «condição humana» — a ardente labareda de optimismo que Ferreira de Castro tão alto tem erguido na sua obra anterior. Optimismo de pensamento e de emoção, afirmação duma consciência nobilíssima que nunca desiste de caminhar e de contribuir para uma mais larga, livre, desafogada e limpa visão do universo. E não só visão, mas também criação. Romancista, escritor, Ferreira de Castro enriquece constantemente a literatura portuguesa e as letras universais com os seus livros de ampla irradiação. Homem do seu tempo, traz à nossa época — leiam-se e meditem-se as fortes e admiráveis palavras que fecham «A Volta ao Mundo» — um apêlo de coragem e de crença que se dirá emanado do próprio e luminoso cántico do promissor amanhã.

JOÃO DE BARRAS

NOTAS RAPIDAS DA SEMANA



Foi uma linda festa, a que se realizou na Escola Velha de Beirão, presidida pelo sr. Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional, para distribuição de prémios aos alunos mais classificados e diplomados aos finalistas. Na foto, vemos o aluno Joaquim Pedro quando falava em nome dos novos diplomados.



No Hotel Aviz, recebeu, a sr. viúva André Motte e sua esposa, a uma recepção à colónia belga de Lisboa, para festejar a libertação da Bélgica e a do comandante do seu rei. Todas as festas tiveram acentuado cunho patriótico, a que o governo português se associou, fazendo-se representar nos certâmnios regionais.



Na Sala dos Actos da Faculdade de Medicina inaugurou-se a sessão inaugural do Congresso de Oftalmologia, decorrendo depois os trabalhos na Sociedade de Oftalmologia com o maior brilhantismo. Na foto, vemos o sr. dr. Fernando Lacerda quando fazia ao Congresso a sua douda comunicação.



Francisco Maia reapareceu no S. P. N. ao lado do seu pai, o escultor e grande animalista Delfim Maia. Duas personalidades diferentes, duas sensibílidades estranhas uma à outra, ambos, entretanto, revelam o poder da sua arte igualmente definida, e a que nos referiremos mais largamente.

ESTÁ DE ACÓRDO COM ISTO?

HA uma lei ou uma disposição camarária que proíbe a venda de vinho a menores, dentro das tabernas. Pois, será exagero dizer que essa disposição justíssima não merece o respeito devido, da parte dos taberneiros — pelo menos de alguns, já se vê?

Ainda há dias, na minha rua, o exemplo de uma criança em completo estado de embriaguez serviria para ilustrar esta minha observação. De resto, devo acrescentar que esse quadro ontem presenciado da minha janela não é único, pois, infelizmente, éte repete-se.

Depois — acabo de ler a comunicação do sr. governador civil aos jornais, e para êle vão os meus aplausos pela obra que se propõe levar a efeito! — há um outro aspecto a encerrar no que respeita à falta de atenção que os adultos têm pelas crianças: o cigarro. Já repararam como as crianças se vêem pelas ruas, se entregam ao vício do tabaco, com a complicitade dos adultos?

Oxalá não se faça esperar a policia e o amparo que a criança da rua deve merecer à sociedade, porque, não há dúvida, as crianças de hoje devem aprender que, quando forem homens, não devem dar às crianças de amanhã nem vinho a copo pelas tabernas nem lume para os cigarros.

J. C. L. — Rua Morais Soares, n.º 65 — Lisboa.

O sr. M. L., envia-nos, de Viseu, algumas sensatas considerações, a respeito do hábito ou exigência da gorgêta aos empregados de café. Concordamos em absoluto com a sua opinião e, principalmente, com a parte final da sua carta:

Mas a principal culpa cabe à classe dos empregados de café, de Lisboa e outras cidades, que, desprezando o exemplo dos seus colegas do Porto e Covilhã, ainda não terminaram com esta humilhante e antiquada forma de pagamento — a gorgêta.

QUANDO A CIDADE ILUDE

Como o meu amigo Vaquinhas, amanuense dos Serviços de Limpeza, não conheço ninguém. Orador fluente, por duas vezes representou a Academia — a 1.ª de Janeiro — no Congresso das Sociedades de Recreio. Ainda hoje se fala com entrecéuvel respeito do seu eloquente improvisado, quando a banda comprou instrumental novo e estrepou, orgulhosa, o seu estandarte.

Isto, bem sabemos, foi em Unhais de Baixo — mas poderia ser em Lisboa, que o seu engenho a todos encantava. Trepando sem o, foi por duas vezes indigitado por administrador do concelho, vogal das águas, juiz de paz, cabo de ordens — e, como da acumulação de tantos cargos os proventos auferidos excedessem cem escudos mensais — o Vaquinhas, lastimoso, meteu-se no combóio e apresentou-se na cidade à espera de rendosa ocupação. Ficaram os conterrâneos contristados quando, no outro dia da chegada à capital, o «Diário de Notícias» se esqueceu de, na primeira página, em altas parangonas, publicar o retrato do Vaquinhas, com os dados biográficos. Nessa altura, o Araújo da Praça, indignado, riscou-se de assinante do jornal e escreveu um postal explicando o seu desgosto. Vaquinhas, em Lisboa, tinha um primo, rapaz solteiro, empregado na «Infância Desvalida» — e que tocava saxofone nos «Diabólicos», famosa orquestra de Carmaxide. Procurou-o logo, com ansia, desejoso de vencer.

O primo, muito atrapalhado, lembrou-se de nomes. Médicos, engenheiros, gente rica de Unhais de Baixo. — Olha, o doutor fulano! E tesou-

reiro do Banco... Procura-o, talvez te arranjar!

E, no outro dia, Vaquinhas, barbeado, com o discurso aferrado na ponta da língua, aparecia à procura do senhor doutor. Mas era sempre assim: ou já tinha saído — ou não vinha hoje!

Passaram-se dias e dias. Da terra escreviam-lhe amúde. Queriam saber se já era director geral ou indigitado para ministro. Vaquinhas, com um sorriso triunfante, vingava-se, matando o tempo, no papel. E, nas longas cartas, dizia que, por enquanto, ainda não: que estivessem descansados os patriotas que não se esqueceria de nenhum; e, no post-escrit, pedia sempre que lhe mandassem alheiras e chouriço, porque em Lisboa não havia nada que prestasse.

Um dia, à mesa do café, Vaquinhas travou conhecimento com um sujeito calvo e baixo que, tristonho, folheava o jornal. Imediatamente, Vaquinhas deu expansão ao turbilhão oratório que há quinze dias fermentava nas caves da eloquência. O tal sujeito gostou imenso — e pagou-lhe o café. No segundo dia já quasi se trataram por tu — e o homenzinho, encantado, veio a saber que o Vaquinhas precisava de emprego.

— Porque não disse isso ontem? Empreguei um rapaz, um estúpido, com um conto de réis, na Alfândega!

Vaquinhas torceu-se na cadeira. Implorou a S. Ex.ª que fizesse esse alto favor. O sujeito disse-lhe que teria de esperar... e, no dia seguinte, exibindo o bloco de notas, informou: — E para o Estado, para lugar de futuro!

— Mas era preciso gratificar uma determinada pessoa com tres contos. E isso não teria êle, Vaquinhas, que necessitava de trabalho para comer!

E, com a voz afectada de ternura: — Acordite, meu amigo, se conseguí arranjar dois contos — eu empresto-lhe um e pagam-me quando puder!

Vaquinhas estava sucumbido. No outro dia pôs a corrente e o relógio no Simão do Arco de Bandeira, e a correr foi entugar as duas notas de mil escudos, enquanto o amigo, condoído, lhe passou um papel para ele se apresentar no Torel, ao senhor director da Policia, porque o lugar era para lá.

— Sim, homem! Vá hoje mesmo apresentar-se ao sr. director. Você é esperto, muito inteligente, fala muito bem, e, dentro em breve, poderá ser chefe dos serviços administrativos da Investigação Criminal.

Vaquinhas, doído, foi. Entregou a carta, fechada, à ordenança. E, daí a pouco, o director mandava-o chamar. Vaquinhas exultou. Mas, a rir, o alto funcionário mostrou-lhe a missiva. Em letras gordas, garrafais, lia-se isto: «Ful eu que matei a mulher do padeiro. O outro está inocente. Não me perguntem porquê, porque nada responderei».

Vaquinhas fêz-se lívido — e se não caiu desmaiado foi porque se envergonhou de cair duas vezes — uma das quais no conto do vigário... Pois foi o sr. director que, com pena, depois de ouvir a longa história, lhe arranjou aquêlo lugar nos «serviços de limpeza» e a favor dos quais o Vaquinhas faz agora os seus discursos.

FALA-SE ESTA SEMANA

GOMES BRANCO



A guerra é ainda a grande vedeta do momento, o mais sedutor elemento literário, quer fornecendo comentários, quer fornecendo idéias objectivas sobre a acção e o brilho messiânico dos homens nela envolvidos por culpa dos seus pecados. O livro do sr. S. Gomes Branco é também um produto dessa fascinação dos nossos escritores e que, além da abundante cópia de elementos informativos que oferece aos leitores e coleccionadores de livros sobre o actual conflito, tem ainda a virtude de ter sido escrito com paixão literária e isenção de tendências políticas. O livro, que se intitula «A Libertação da França», é uma reportagem vivida do maior feito guerreiro de todos os tempos, que é essa da invasão da Europa pelos Aliados. O livro abre com uma introdução política de Eduardo Freitas da Costa, que é de algum modo a análise da situação da França antes e depois da guerra.

A ENTREVISTA DA SEMANA

Américo Taborda e os seus projectos de artista



AMÉRICO Taborda percorreu, com o seu olhar de artista, todos os recantos da cidade. E de becos e pátios, de janelas e esconços, trouxe a luz crua da realidade, animando as telas com o colorido dos seus pincéis. Taborda é um artista que conhece Lisboa e que a ama profundamente.

Bairro Alto ou Alfama, labirinto da ruidosa Madragoa tomam vida, calor, forma, com a vigorosa sensibilidade que o artista sabe imprimir nos seus quadros, tocados de singela graça. A colecção de chafarizes já um crítico disse merecerem o museu da cidade. É que Taborda documenta, com rigor, toda essa graciosa arquitectura que, amanhã, o

camartelo e o remendo camarário sacrificam a bem da estética...

Sem dúvida que Taborda e Neves e Sousa são dois dos mais novos artistas portugueses que a critica e o público têm distinguido carinhosamente.

Foi a propósito da sua última exposição, nas Belas Artes que quise-mos ouvir Taborda.

— Está satisfeito com o seu trabalho?

Américo Taborda olha-nos a sorrir: — Pelo menos estou satisfeito com a forma por que o público me recebeu... Trabalhei imenso. Vivi durante meses esta minha exposição com dolorosa ansiedade. E que muitas vezes chegamos a não saber onde é que se vai encontrar beleza em trabalhos que são vulgares, para nós, à força de os interpretarmos! Fiquei extenuado e...

— E que? Diga...

— Muitas vezes fui mal compreendido! A arte, o trabalho, a febre de sentidos que pômos com amor num quadro é assinalado por meia dúzia

de sorrisos que deslizam, arrogantes, como se levassem Velasquez sobre os ombros. O estímulo para os novos não é só elogiar. Pelo contrário: é o ensinamento dos outros caminhos que o artista, por inexperiência, não sabe ainda trilhar.

— Como trabalha?

— De qualquer maneira. É preciso ter disposição, e isso, por motivos que não vêm para aqui, raras vezes acontece. Quando me sinto capaz de trabalhar, vou por aí fora e esqueço-me de tudo.

— Gosta, então, mais do ambiente da rua do que do atelier?

— Claro que sim! Sinto mais a vida ao pé de mim. Tudo vibra. O sol tem mais cor, é mais forte, do que atravessado pelas frinças duma janela. Há ruído, há verdade, há beleza nua!

— Qual foi a sua primeira exposição?

— A dos «Chafarizes de Lisboa», no salão do «Século», há quatro anos.

(Continua na pág. 16)

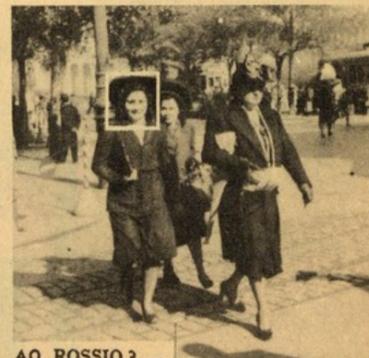
QUINTA-FEIRA, das 12 às 12,30, que foi fazer?...



À RUA DO OURO...



À RUA AUGUSTA...



AO ROSSIO?...

«Vida Mundial Ilustrada», por um sistema curioso, passa a oferecer todas as semanas, um brinde aos seus leitores. Assim se quiser vir à nossa redacção, na próxima segunda-feira, receberá um cartão com direito a dois ingressos nos melhores cinemas, cada uma das pessoas assinaladas nestes três fotos, e que foram feitas numa das últimas quintas-feiras, das 12 às 12,30, quando você passava...



Aqui, tem o director de orchestra e esplêndido saxofonista Jimmy Dorsey. Todo o público de Rádio o conhece. Jimmy desenvolve a maior actividade não só na Rádio como no cinema e em gravação de discos. É um artista que a Rádio lançou e que, sempre à custa do seu próprio valor, conseguiu impor-se e vencer. Hoje, o seu nome anda ligado à história da música moderna, e é considerado entre os três mais competentes executantes do instrumento a que se dedicou. De condição humilde, Jimmy começou ganhando a vida como caixeiro; hoje possui os diplomas musicais de maior cotação no seu país. A vida de Jimmy Dorsey é bem um exemplo de força de vontade e persistência. Jimmy Dorsey trabalha actualmente em programas de Rádio na estação norte-americana da N. B. C. Todas as estações do mundo transmitem, no entanto, gravações da sua orchestra.



ATRAZ DO MICROFONE

Depois de cinco meses de locução JOANA CAMPINA presta as suas declarações

infantil, tem antes de mais nada a sua simpatia. Depois um semblante «cachinês», um penteado muito sujo e uns olhos muito escuros... Mas deixemos estas coisas e entremos na cabina de locução da E. N. e façamos o que os senhores leitores esperam: uma entrevista...

— O que pensa dos locutores portugueses?

— Quanto a mim, o núcleo que trabalha na E. N. é, de longe, o melhor; até diria o único aproveitável... Os locutores dos outros postos, que individualmente podem ser razoáveis, trabalham integrados em conjuntos deficientes que os prejudicam...

— Individualmente, o que pensa dos locutores da E. N.?

— Das vozes da E. N. — repare que digo vozes e não locutores — destaco de longe a do Pedro Moutinho... No entanto, aquêle seu ar de orador, parlamentar, prejudica-o... Todos criaram o seu género e têm o seu público: João da Câmara, certíssimo, sóbrio, com todo o tom de pessoa sensata; Igrejas Caieiro, que está criando uma enorme popularidade nos últimos tempos; o incomparável Jorge, esplêndido locutor de cabina. Das locutoras, as magníficas Maria de Rezende e Aurea e, agora, a bonita voz de Natália, do Rádio Clube. Maria de Rezende tem um invulgar conjunto de qualidades. Creio, no entanto, que quando começou a trabalhar na Rádio deve ter encontrado hostilidade no público. Nisto de Rádio há, acima de tudo, uma personalidade que é preciso impor, sem esquecer que uma personalidade é sempre um conjunto de qualidades e defeitos...

— Que pensa de si como locutora?

— Penso que o facto de ter sido escolhida por um júri que considero autorizado, implica a existência de qualidades de que nunca tivera a mínima consciência. Tenho andado, autenticamente, na Rádio, e procuro duma forma que deve ser a minha, e que existe com certeza. Não esqueça que nada conhecia de Rádio e que comeci a contactar directamente com o público três dias depois de ter sido aprovada no con-

curso. Radiofonicamente, parece-me que a minha voz é um tanto de colegial, embora expressiva. Certas locuções minhas, quando gravadas, parecem-me depois didácticas e enfatizadas com um ar que desmente completamente a minha preocupação continua de falar para todos como se falasse para um... Em resumo: considero-me pessoalmente com qualidade para fazer locuções boas...

— E que me diz sobre a vida interna da Rádio?

— Gosto imenso dessa vida agitada... O que mais choca, quem sai da escola e vai para a Rádio, é o contraste nítido entre o tipo dinâmico da Rádio, especialmente dotado para a acção, e a posição cômoda de burocrata que habitualmente se encontra na vida... Os meus colegas locutores são todos do tipo homem de sete ofícios... Todos eles têm um ponto marcado para o qual caminham.

— A sua vida, com esta entrada para a Rádio, foi modificada?

— Foi totalmente modificada. Novos interesses, novas aspirações e o desejo muito sincero de fazer alguma coisa de útil...

— Que fazia antes de ir para a Rádio?

— Acabava o curso superior de Filologia e História, dava lições, visitava salões de arte, assistia a concertos, quando tinha dinheiro... e sonhava dirigir um jardim-escola com muitos miúdos... Lla muito, ouvia Rádio e tinha perante a vida uma posição que reconheço agora demasiadamente literária, teórica e romântica...

— Sem um dia sáfase da Rádio, voltaria com facilidade ao ritmo antigo?

— Não. Seria um terrível choque... Sentir-me-la como alguém a quem tivessem dado asas e lhas cortassem repentinamente... Mas, escute: não lhe parece que já são perguntas demais?

— Sim, talvez... Mas a culpa é dos leitores, que são muito curiosos e indiscretos. Desculpe-os...

FERNANDO CURADO RIBEIRO

CARTAS DOS OUVINTES

J. C. C. L. (Lisboa) — Não estamos habilitados a responder-lhe.

ROSA ENDIABRADA — Não sabemos. Julgamos que não há nenhum que se possa comparar ao artista citado. — Todos são bons, cada um no seu género. Gostos não se discutem.

ANT. A. DA SILVA BACALHAU — Porque não usa um pseudónimo mais pequeno? — Respondendo à sua pergunta: creio que não há nenhum artista da nossa Rádio com possibilidades de comparação com Bing Crosby. Não esqueça que B. C. é o maior artista do seu género, de todos os tempos... Se pelo mundo fora há quem pretenda imitá-lo, em Portugal creio que ninguém o pretenda.

VELHO OUVINTE (Lisboa) — Tudo o que me diz continua a ser mal baseado em princípios maus... Não esqueça: o defeito principal da nossa Rádio é a sua orgânica. Só modificando as bases, se consegue melhorar o que nelas está assente. Não seja só ouvinte, de fora para dentro... Seja também ouvinte de dentro para fora... Em todo o caso creia-me grato e... continue.

XINHA (Santarém) — É sempre difícil e perigoso discutir e avaliar o que apenas conhecemos pela aparência... Creio que o caso não é tão alarmante como supõe!... E, depois, quem melhor do que o próprio pode saber o que lhe interessa?

BONECA REBELDE — Deve ser por acaso... Veja o horário e comprimento de onda das emissões que lhe interessam, nos anúncios que os jornais diários publicam. Procure «A voz da América». — Sebastião de Figueiredo, artista que, pela sua escassa actividade, não se pode considerar da E. N., está contratado como vocalista da orchestra de Matão Júnior. Ouça os programas de música de dança do salão de chá do Café Chave de Ouro.



BING CROSBY UM GRANDE ARTISTA DA RÁDIO

ATÉ hoje, nenhuma outra alcançou a popularidade da voz de Bing Crosby. Este artista, cantando através do microfone, conseguiu uma fortuna de multimilionário!... A sua acção no cinema — consequência do seu trabalho na Rádio — começou quando já era riquíssimo. Para ele, o cinema não é mais do que uma «brincadeira», visto que os seus honorários pelos contratos com a N. B. C., são verdadeiramente astronómicos. Por um pequeno programa de cinco minutos (duas canções), a N. B. C. paga-lhe uma verdadeira fortuna.

Calculam que Bing Crosby — um apaixonado pelas corridas de cavalos — tem em sua casa, em Santa Fé, uma pista de provas que não fica atrás dos hipódromos oficiais, valendo os seus cavalos de corrida mais de um milhão de dólares!... E, agora, uma confissão de Bing Crosby, e que é o segredo do seu êxito: «Canto para as mulheres. Elas depois encaregem-se de convencer os homens de que canto bem!...»

Mas, na realidade, Bing Crosby canta para todos, pois ninguém lhe regateia o valor artístico que verdadeiramente tem!...

«GONGS»

* São francamente fracos os locutores portugueses actualmente ao serviço do programa norte-americano, «A voz da América».

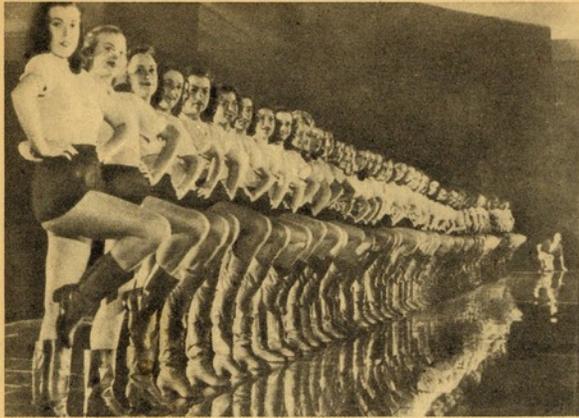
O confronto com qualquer locutor de outra língua e mesmo com os outros locutores das nossas estações é eloquente. Por que é este desnível?

* As estações centralizadas estão transmitindo as suas emissões em péssimas condições de recepção. As emissões têm interferências, ruídos, falta de nitidez, etc. O centralizador, Rádio Peninsular, deve pensar no caso, aliás agravado pelas condições actuais, que dificultam a aquisição de novo material.

* Continua a vaga de locutores estagiários na E. N. Os últimos chamados são Etelevina Lopes de Almeida e Alberto Replezas, ambos classificados no último concurso. Etelevina Lopes de Almeida é já um elemento conhecido da Rádio visto que, durante 4 anos, trabalhou em Rádio Renascença, passando por quasi todos os pontos radiofónicos. Actualmente, a sua actividade na imprensa e como escritora é também assinalável. Alberto Replezas, ex-locutor das estações centralizadas, trabalhou na estação Voz de Lisboa, nas Emissões Atlântico, em Rádio S. Mamede, no Clube Radiofónico, etc.

* Maria Sidónio, em Fevereiro próximo parte para o Brasil no cumprimento dum contrato com uma estação de Rádio.

* Consta que Pedro Moutinho, o único dos antigos locutores da E. N. que não actuou ainda como actor de cinema, vai ser convidado a estrearse nesta modalidade. Julgamos que Pedro Moutinho tem invulgares qualidades para tal, e apoiamos sinceramente esta idéia.



Os grandes coros, os grandes corpos de baile não estão na tradição do nosso teatro, onde falta uma escola. As coristas têm às vezes dos menos recomendáveis meios para uma arte que tanto exige delas mas que tão mal lhes paga. De modo que hoje são uns amanhã outros os conjuntos que aparecem — com excepção das discípulas de Piero — sucedendo que, quando estão em boa forma — envelhecem...

Por outro lado, falta aos nossos palcos um mínimo de condições para criar um espectáculo de «férias», como deve ser o da revista. Quando será possível apresentar um piso brilhante como este da foto?

ÀS TRÊS PANCADAS

FESTA RIJA

Esta revista não é tão má que esdralhize o público ou a crítica. Temos visto, mesmo, muita coisa pior. Todavia, a renovação do espectáculo de revista, nos seus quadros de produção, está a impôr-se dia-a-dia. Os que fazem hoje revistas e aqueles que as dirigem dizem que essa renovação não se faz, porque não aparecem autores novos. Ora, nós sabemos que não é assim. Pelo contrário. Se alguém aparece com idéias novas, é «assimilado» pelos que estão, os trabalhos espartejados pela experiência de uns tantos que têm ordenado fixo e — o que era idéia nova morreu ao nascer, para surgir mais um autor novo com todas as características dos velhos. Sabe-se que é assim. E sabe-se aí que têm sido recusados trabalhos, precisamente porque não são iguais aos que aparecem por aí. Enfim, as empresas sabem muito bem a que portas hão-de ir bater. Se o não fazem, é porque lá têm suas razões particulares. E porque preferem insistir nos processos e nos nomes conhecidos. Esta «Festa rija» — por sinal que modesta festa rija — há-de cumprir o seu fado, porque tem alguns números de agrado e de boa-vontade.

Laura Alves, que ainda não en-

controu nem quem soubesse escrever para ela nem quem soubesse ensaiá-la — para quê tanta exuberância, quida a tocar no baú? — não tem papéis a defender. Aláís, nesta revista, quida não há papéis a defender... Mas — é lógico, é justo que se diga — Teresa Gomes é a svedeta deste espectáculo, provando, com a sua arte, que não é a mocidade o primeiro factor de agrado na revista. Os seus números, que são fracos, defende-os com uma opulência de talento a assinalar. E o mesmo deve ser dito de Álvaro de Almeida que dá a réplica a Teresa Gomes. Citemos, em seguida, Mima Braga — mesmo com a falta de requiebro para a fantasia de espanhola — e as duas parrehas de baile Lucy-Snow-Charles e Elvira Preusser-António Gonçalves. Curado Ribeiro e Luis Escobar levaram para o teatro o seu estilo de artistas de rádio. Curado Ribeiro, principalmente, que tanto agrado goza e, merciedamente, entre o público — valorizando, assim, o espectáculo. A peça é assinada por João Lisboa e António Coimbra, a música é de João Nobre e Jaime Mendes, a encenação de Rosa Mateus e os figurinos são de Laert Neves. A comperagem pertence a Soares Correia.

J. M.

Curado Ribeiro entrou para o teatro... mas vai sair para o Brasil...

CURADO Ribeiro, astro da rádio e do cinema, nosso companheiro de trabalho acaba de ingressar no Teatro. Lá está, todas as noites, no palco do Avenida cantando — e encantando, com a sua voz quente e sedutora. Mas, por aí, correm muitos «zuns-zuns» a seu respeito: que vai deixar o teatro, que vai deixar a rádio — e, até, que vai deixar Portugal. Era portanto, natural que nos interessasse por a claro esta interrogação sobre Curado Ribeiro, um belo animador dos nossos microfones e uma simpatia de ra-



paz. Fomos, portanto, ali ao lado, à página de rádio e perguntámos a Curado Ribeiro, recentemente afastado das lides de locutor, na Emissora Nacional:

— Então, vai ficar por muito tempo no teatro?

— Estou contratado por um mês. Quanto ao resto — depois se verá... — Mas diz-se que você vai deixar Portugal?

— É verdade. Dentro de seis meses, devo seguir para o Rio de Janeiro, onde vou actuar no Rádio Nacional P R E S...

— Os nossos melhores elementos deixam a rádio portuguesa...

— Como Jorge Alves, não deixa de estar com os portugueses, porque vou actuar nos programas destinados a Portugal.

— Val com contrato, portanto... — Nem se pergunta... — E não actuará na rádio?

— Em princípio, pelo menos, porque nada me impedirá de trabalhar noutros sectores...

— E gostaria?... — Gostaria de entrar naquêles programas de «Music-hall» da Copacabana, por exemplo, onde se exhibe presentemente, a Martha Erghert...

— Quais serão as suas atribuições na rádio brasileira?

— Vou tomar parte nos programas musicais e literários destinados aos portugueses.

— E do palco, está a gostar?

— E por que não havia de gostar? Se, não gostasse, não estaria no Avenida, não lhe parece?

A nós parece-nos que sim. O público também. Quem não vai gostar da viagem do Curado Ribeiro são os seus admiradores... e admiradoras...

Uma carta de D'Annunzio para Madrazo sobre o cenário da «Francesca de Rimini»

AQUI há tempos, pessoa que a cenografia tem dedicado o melhor da sua moça inteligência, desligou-se de uma empresa porque o ensaiador obrigou — ou pretendeu obrigar — a submeter o cenário de uma peça à marcação que tinha feito sobre o papel ou, porventura, comunicado já nos ensaios da peça.

Evidentemente, um espectáculo não se cria com a sobreposição de interesses ou de elementos. É uma conjugação de esforços ou de critérios, em que o espírito de conjunto deve predominar e em que os vários elementos se submetem a esse mesmo resultado comum, feito de mútuas transigências.

A propósito, parece-nos interessante a transcrição do trecho de uma carta de Gabriel D'Annunzio, dirigida ao cenógrafo Mariano Fortuny y Madrazo. Refere-se aos cenários para a «Francesca de Rimini», na interpretação da Duze, e reza assim:

«A grande porta do fundo tem de levar batentes, pois, numa certa altura, deve estar fechada. Parece-me que tu me exprimeste a intenção de pôr mais duas aberturas aos lados da porta. Estas duas aberturas são necessárias e têm de ser fechadas por grades. Mas, no caso de «maquette» estar já acabada e desde que a necessidade das duas aberturas laterais (de resto, basta também uma só) perturbe a ordem arquitectónica idealizada por ti, então modificaréi levemente o texto.»

Creemos que não serão precisos comentários a uma opinião tão claramente expressa...

Você sabe?

...Por que é que o Trindade não anunciou originais portugueses, na recente entrevista concedida a um jornal da tarde?

...Por que é que os finalistas do Conservatório continuam, na sua maioria, sem contrato, sem obtendo a cárcia de elementos novos?

...Que, talvez em Janeiro, o nosso Conservatório vai surgir em toda a sua magnífica transformação?

...Que a Secção de Teatro do mesmo Conservatório Nacional vai sofrer transformações fundamentais na sua organização?

...Que o Dr. Jorge de Faria está a ordenar elementos para escrever a História do Teatro em Portugal?

«Os Malas» o espectáculo que o Nacional vai oferecer à cidade, foi representado em 1923 por Alves da Cunha-Berta de Bivar

PARA o «spectáculo da cidade», escolheu o Conselho de Lectura do Teatro Nacional uma peça do Dr. José Bruno Carneiro, extraída do romance de Eça de Queiroz, cujo centenário do nascimento será celebrado em 1945. «Os Malas», drama em cinco actos, os dois últimos dos quais só agora vão ser apresentados, pois haviam-se perdido em Paris — fora já representado por Mestre Alves da Cunha e Berta de Bivar, com um grupo de artistas e amadores de Ponta Delgada, que obteve um grande triunfo, em 1923, no Teatro Micaelense — uma bela casa de espectáculos que foi pasto das chamas. O acaso trouxe-nos às mãos os jornais da época — o «Correio», nomeadamente — que nos falam do grande êxito da peça, apresentada em festa artística de Berta de Bivar, no papel de «Maria» Eduarda — que vai ser agora desempenhada pela ilustre actriz Amélia Rey-Colaco. Alves da Cunha fazia o papel de «João da Ega» e o próprio autor — o Dr. José Bruno — numa homenagem excepcional a Berta de Bivar, desempenhava o papel de brasileiro. Nesse espectáculo único e que constitua uma expontânea manifestação de apreço pela ilustre actriz-empresária, os camarotes — em 1923 — vendiam-se a cento e cinquenta escudos, registando-se, então, uma enchente memorável.

Nos jornais que temos presentes, lêem-se as mais entusiásticas referências a todo o espectáculo, devendo destacar-se, entretanto o elogio a Berta de Bivar: «o seu trabalho, no 3.º acto, deixou aqui uma impressão inolvidável. E isto diz tudo».

A peça que, como atrás dizemos, foi representada com os três únicos

TEATRO

Grupo dos Amigos do Teatro

SEGUNDO tudo nos leva a crer, está em marcha a idéia da criação do Grupo dos Amigos do Teatro. Todavia, por hoje, apenas poderemos informar: um grupo de verdadeiros amigos do teatro prepara-se para levar a efeito um grande movimento a favor do teatro português. Todavia, ainda não podemos referir nem nomes nem factos — mas, apenas, a linha geral de um programa em que muito bem poderão caber conferências públicas, discussão de peças, representação de originais portugueses, por profissionais do teatro e amadores.

Poderemos, em breve, dar algumas notícias sensacionais?

Tudo nos indica que sim. É preciso sair do âmbito das tertúlias, das capelinhas, dos desabafo pelas esquinas e às mesas dos cafés — é preciso pensar no teatro como verdadeira expressão artística e não como um meio fácil de enriquecer. O teatro assim o exige, o teatro assim o reclama: depois das palavras, a acção. Depois de um estudo clínico, o diagnóstico, a terapêutica. Porque não basta apontar os erros e permitir a sua reincidência. É necessário criar o prestígio da cena pelo amor da arte — é necessário, principalmente, aproveitar tantos e tão grandes elementos dispersos do teatro e convocá-los para uma obra que não seja de meio dúzia ou de mais uma igreja — mas de todos e para todos: quantos representam, escrevem ou tomam parte no espectáculo como público.

A formação do Grupo dos Amigos do Teatro deve ser uma realidade. Negar-se-á, quem deve, a contribuir para a efectivação deste grupo?

primeiros actos, apresentados pelo autor — aliás, sem perigo para a sua unidade ou construção — nunca, porém, foi levada em Lisboa pelo insigne actor Alves da Cunha, pelo que pode considerar-se uma estrela sensacional a sua próxima representação num espectáculo que, por certo, vai ser pôsto à altura da Casa de Garrett e da categoria da empresa sua concessionária. Para esse espectáculo, como foi anunciado, concede o Estado quarenta mil escudos — o que nos faz pressupor ainda mais, uma bela montagem.

Na foto, vemos a ilustre actriz Berta de Bivar, na época em que interpretou o papel de «Maria Eduarda».



COCKTAIL



Sabe quem foi MIGUEL SERVET?...

EM Espanha, no ano de 1511, numa época de ignorância, de obscurantismo e de fanatismo, nasceu esse homem extraordinário que teve por nome Miguel Servet — o descobridor da circulação do sangue.

Seu pai, notário em Vilanova de Sixena, deu-lhe uma esmerada educação, tanto assim que, ainda bastante novo, já Miguel Servet era professor de matemática, geografia, e formou-se em medicina, tendo, também, estudado direito na Universidade de Toulouse.

A leitura da Bíblia fez-lhe despertar entusiasmo pelas questões teológicas, o que o levou a escrever, desassombadamente, vários estudos onde se contradiziam as idéias religiosas.

Moveu-se contra ele uma feroz perseguição. Miguel Servet procurou refúgio na Itália e, finalmente, na Alemanha, onde se aliou ao séquito de Carlos V. Na Alemanha, conheceu vários filósofos, inimigos, também, das idéias religiosas. Deste convívio nasceu um livro que causou espanto geral. Como resultado, foi ameaçado de morte e de tortura.

Então, Miguel Servet abrigou-se na França, em Lyon, onde arranhou um emprego de revisor de provas tipográficas. Foi aqui que travou conhecimento com o médico Champer, que, surpreendido pelo talento de Servet, o incitou a concluir o curso de medicina.

Muito cedo vieram os resultados deste conselho. Miguel Servet anunciava ao mundo que o sangue não permanecia quieto no organismo, como um líquido dentro de um recipiente.

Esta descoberta sensacional e arrojada trouxe, como não podia deixar de ser, uma onda de sarcasmo contra o seu autor. Miguel Servet foi ridicularizado pelos próprios colegas. Isto, porém, não o impediu que publicasse, em volume, os resultados dos seus trabalhos. Diante desta nova audácia, os ânimos acenderam-se ainda mais — e a tal ponto que Miguel Servet foi acusado de hereje e condenado à morte.

Nova fuga, desta vez para Viena e daqui para Genebra. A Inquisição perseguiu-o. Por fim, foi descoberto, preso e processado. Calvino acusou-o como «um monstro de abominação, indigno de piedade e que a sua descoberta colocava a ciência acima de Deus».

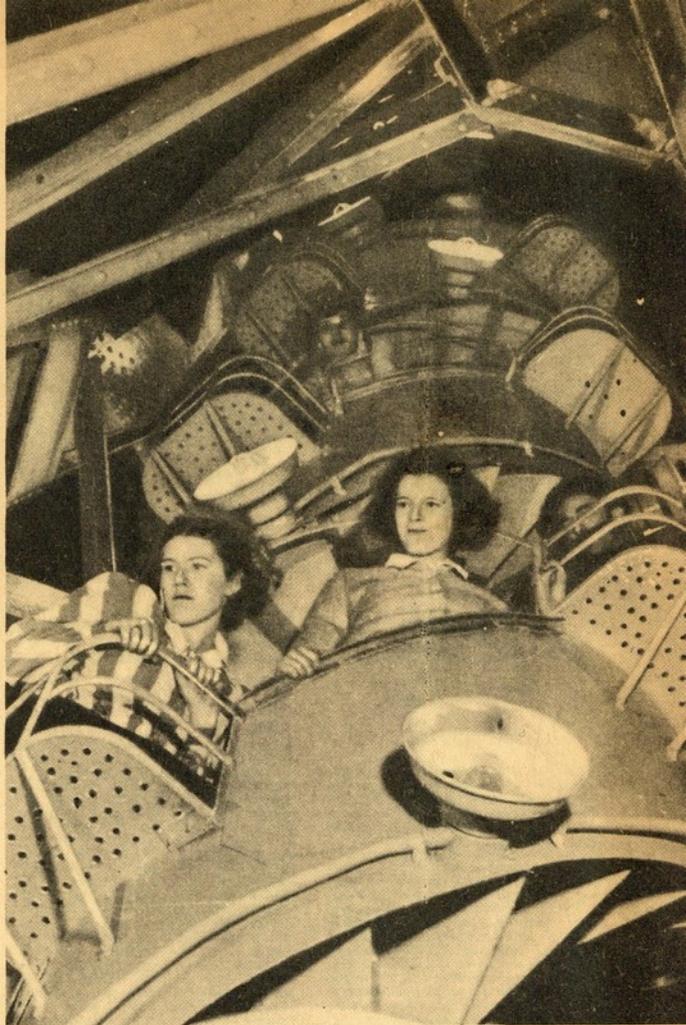
Não consentiram que se defendesse. A sentença foi implacável: queimado na fogueira! No dia seguinte, diante de uma grande labareda, o sacerdote disse-lhe:

— Confessa o teu crime, e Deus perdoará todos os teus erros.

Miguel Servet respondeu:

— Conquistei uma verdade científica. Por ela morrerei!

Os verdugos propuseram, então, que se queimasse lenha seca para que o suplício fosse mais lento. E assim, na manhã de 27 de Outubro de 1553 desaparecia Miguel Servet, o descobridor da circulação do sangue...



O MILAGRE DE OHIO

DAMOS esta notícia com toda a reserva. O facto é estranho de mais para não ser posto em dúvida. Aliás, um exame das fotos que publicamos mais nos convence disto. A foto onde se vê «Miss» Lella Crook envergando umas calças de homem, pode bem ser o resultado de um truque, como seja, por exemplo, ela ter as pernas enterradas na terra. Depois, colocando uns sapatos sob a bainha das calças, a ilusão torna-se perfeita.

Isto, porém, não passa de suposições. Os jornais americanos, donde extraímos a notícia e as fotos, ocuparam-se largamente do assunto e nenhum deles levantou, sequer, a hipótese de um truque.

Mas vamos ao caso que, a ser verdade, é apenas extraordinário. Os jornais deram-lhe o título de «O Milagre de Ohio» porque foi em Ohio que o facto se passou.

«Miss Lella — Lella Crook — vivia desgostosa porque um enorme defeito físico a impossibilitava de realizar o seu maior sonho: ser bailarina. Vivia tão triste que não era raro vê-la pelos cantos, chorando lágrimas de infelicidade.

Foi então que conheceu o sr. Sawell Gold, de passagem por Ohio. Contou-lhe a sua desdita. A resposta deixou-a perplexa: «Se você está assim é porque quer!». «Não quero, não!» — respondeu ela. «Então se não quer, vou-lhe arranjar uma perna nova e você poderá dançar dentro de 3 meses».

E assim foi. «Miss» Lella foi submetida a uma operação, onde lhe amputaram a perna mais curta e, em seu lugar, puseram-lhe uma outra, de madeira, mas tão perfeita que, três meses depois, conseguia enfim ser bailarina...

SABEM O QUE É?...

PARECE uma construção «superealista», uma obra de engenharia estranha, cheia de mistério, mas trata-se, apenas, da escada em caracol que leva os visitantes até ao alto da estátua da Liberdade, na América. O aspecto estranho e misterioso está apenas no ângulo escolhido para a fotografia.



SABE RESPONDER?

- 1 — Como se chama o monte mais alto do mundo?
- 2 — Onde fica?
- 3 — Quanto mede?
- 4 — Onde fica o abismo mais profundo do mundo?
- 5 — Quanto mede?
- 6 — Qual é a velocidade da luz?
- 7 — Quantos vulcões activos ainda existem na Terra?
- 8 — Qual é o país onde há mais tremores de terra?

(Ver respostas na pág.

UM ACHADO INCRÍVEL...

FOI agora anunciado na parte da China ainda ocupada pelos japoneses que uma criança, quando brincava no quintal de sua casa, encontrou uma pequena caixa de ferro, contendo, no seu interior, esta coisa estranha: uma dentadura em pedra.

Os arqueólogos tomaram conta do caso e, como não podia deixar de ser, surgiram várias hipóteses sobre o achado. Entre elas, a que apresenta maior sombra de verosimilhança, é que a dentadura, feita de pedra tosca, pertenceu a algum dentado não da idade das cavernas, mas a um chinês do século X ou XI antes de Cristo, o que vem provar — a ser verdade — que desde épocas remotas os homens tiveram engenho para substituir certas peças do corpo que se tornavam impréstáveis.

A dentadura é composta de cinco dentes da maxila superior e pesa cerca de 500 gramas. O que não se sabe é como o possuidor destes dentes artificiais tinha força para abrir a boca...





Um dia, pelo ano de 1888, onze homens ilustres reuniram-se da se reunir, com regularidade, a jantar. Oliveira Martins apadrinhou o grupo, que chamava-se a dos «Vencidos da Vida»; o conde de Sabugosa escreveu uns versos que, com música da «Rosa Tirana», constituiriam o hino da agremiação. Do grupo faziam parte, como sabem, Eça, Ramalho, Oliveira Martins, Junqueiro, António Cândido, Conde de Arnoso, Conde de Ficalho, Conde de Sabugosa, Carlos Valbom, Soveral e Carlos Mayer. As reuniões periódicas destes onze homens notáveis alvoroçaram a tranqüila sociedade de 88. Que pretendiam eles? Simplesmente jantar — ou subverter a vida pública? Parece que os seus propósitos eram apenas mundanos e culinários, mas, sim ou não, a sua influência mental foi imensa. Depois, as vicissitudes da vida dispersaram os componentes do grupo. Dêles ficou, sobretudo, a anedota — que é, afinal, a consagração da história, na frase de Claretie.

A ARMA DE EÇA DE QUEIROZ



Uma noite, por ocasião dum dos célebres jantares dos Vencidos, Carlos Valbom suspirando dum pequeno volume que Eça trazia num dos bolsos do casaco, anunciou, em alta voz, que o romancista vinha armado. Foi um alvoroço. Todos queriam ver a arma.

— Cautela, meninos, cautela! — exclamava Eça, esquivando-se. A curiosidade ainda aumentou. O escritor foi cercado, e uma mão audaz, precipitando-se, arrancou-lhe do bolso a arma feroz. Era um frasco de essência.

A PRECOCIDADE DE CARLOS VALBOM



Pinheiro Chagas dizia que Carlos Valbom nunca balbuciara na sua vida: a primeira vez que pronunciou «papá» foi logo com sujeito, verbo e caso. E Fialho contava, uma vez, no «Martinho», que o Conde da Figueira, tendo perguntado, certo dia, ao «Carlinhos», que tinha então sete anos, para que andava ele a estudar, obtivera esta resposta: — Pa ministô!

AS TOURADAS



Um dia, num dos jantares dos «Vencidos», discutiam-se touradas. Ramalho defendia-as, acabando mesmo por descrever, entusiasticamente, uma a que assistira, com o aplauso de alguns dos «Vencidos» presentes.

— No fim de contas — objectou, a certa altura, António Cândido — uma barbaridade. Tanto que uma bula papal as proibiu...

— É verdade — interveio logo Carlos Mayer. — Foi até por causa dessa bula que veio a moda dos touros «emboldados».

OPINIÕES



Junqueiro — o grande e ciclópico Junqueiro — dizia uma vez, por volta de 1866:

— O «António Maria» do Rafael Bordalo Pinheiro é a continuação do Fernão Lopes. O «António Maria» é o retrato. O «Diário do Governo» é a caricatura. O Bordalo é o Tácito alegre do já-nobre Entrudo nacional.

A CASA DE RAMALHO



O autor da «Hollandas» morava no mesmo prédio em que morava Oliveira Martins, na Calçada dos Caetanos. O historiador vivia no primeiro andar; Ramalho no terceiro. E como não havia mais andar nenhum, Ramalho lembrou-se de fazer do patamar da escada contíguo ao seu andar, nada mais, nada menos do que uma espécie de sala de espera, com cadeiras, flores, quadros na parede. Eduardo Prado um dia visitou-o, e vendo aquela sala imprevista não se conteve que não exclamasse:

— Como é que você, Ramalho, conseguiu do Governo autorização para conquistar estes terrenos ao Tejo?

OLIVEIRA MARTINS E O POLITICO



Uma ocasião certo politico, ainda aparentando com aquê illustre Pacheco» de que Fradique nos deixou um magistral retrato, descrevia a Oliveira Martins o que tinha sido, desde criança, a sua vida, destacando os expedientes de que, muitas vezes, se servira para trepar.

— Se alguma coisa sou, a mim o devo. Bem posso afirmar que me fiz a mim próprio.

— Fêz-se a si próprio?

— E como lhe digo, senhor Oliveira Martins. Logo o historiador, com um sorriso intencional:

— Então não tem desculpa... O MARQUÊS DE SOVERAL AMOROSO

O Marquês de Soveral, «feliz, ri-sunho, janota» — como o classificava o autor do «Príncipe Perfeito» — assistia, uma tarde, em casa do Conde de Valbom a um chá elegante. As senhoras gostavam imenso de conversar com Soveral, que tinha sempre na ponta da lingua uma anedota, um comentário — ou uma galantaria. A certa altura, quando o diplomata, por momentos, conversava, a sós, com a viscondessa de... esta perguntou-lhe:

— O marquês, que sabe tudo, diga-me o que é o amor?

Soveral sorriu e respondeu imediatamente:

— É um substantivo comum e, pelo menos no meu caso, por V. Ex.a, do género masculino...



(Caricatura de Zéco)

O mais cândido dos humoristas

UM dia, em fins de certo Janeiro, nasceu em Ponte de Lima — em pleno Minho, por consequência — um menino a quem puseram o nome de Alfredo. Como o menino, além de muito branco, era ingénúo e puro, quis o bom Destino que lhe se chamasse para todo o sempre — Alfredo Cândido. Ora aconteceu o que acontece, desde o começo do mundo, a todos os meninos puros, ingénúos e brancos: o menino era humorista. Há os humoristas da pena — e os humoristas do lápis. Alfredo acumulava. Numa das mãos brandia o lápis — na outra estrelava a pena. E, assim, tem sido pela vida fora. Quem o vê — e o não conheça — poderá supor que este «menino de sessenta e tantos», com o seu ar triste, as suas calças pardas, o seu monóculo preso por uma fita de seda preta como os monóculos do Passeio Público, é a gravidade e a melancolia em pessoa. As aparências iludem. Assim mesmo, sem tirar nem pôr, é uma catadupa de «biagues» e de dardos irónicos. Os seus comentários — já não falo das suas caricaturas — têm pilhas de graça. As suas gargalhadas, quando elle está por exemplo no «Chave de Ouro» — é lá que balouça o seu «fauteuil» académico — ouvem-se no Intendente. Donde facilmente se concluirá que Alfredo Cândido, com a sua expressão pálida de lirio e as suas calças pardas de asceta — é um homem estrondoso.

Os «vencidos» que venceram...

HÁ tempo num encontro casual no Chiado, à hora do chá, o meu amigo e conhecido editor Carlos Bregante Tóres, disse-me:

— Sabe? Editei um livro de Gomes Monteiro sobre os «Vencidos da Vida». E amanhã pôsto à venda. Parece-lhe que tem actualidade?

— A maior — respondi-lhe. — Ao contrário do que julgam certas pessoas mal informadas, os vencidos da vida, pelo menos alguns dêles, ainda estão vivos...

Separámo-nos. No dia seguinte, o livro era pôsto à venda. Dois dias depois, trazido pela mão amiga de Gomes Monteiro, entrava-me pela porta dentro. Li-o dum fôlego. E mais uma vez me convenci — tal a perspectiva da sua influência sobre nós — que alguns dos Vencidos da Vida, mórmente aqueles que foram homens de letras profissionais, Eça, Ramalho, Junqueiro, Oliveira Martins, continuam a descer todos os dias o nosso Chiado intelectual, como há trinta, há quarenta, há sessenta anos. O volume de Gomes Monteiro tem assim, ao mesmo tempo, o duplo interesse dum livro evocativo — e dum livro actualíssimo. Quem quiser conhecer a história dos célebres «Vencidos», com as suas polémicas e os seus antecedentes, as suas afirmações e as suas anedotas, os seus ditos de espirito e os seus jantares no Bragança, encontra nas duzentas e tantas páginas deste volume um minucioso e agradável relatório. Dir-se-ia que Gomes Monteiro conheceu todos aquêles homens, conviveu com êles, acompanhou-os, assistiu às suas reuniões e aos seus banquetes — e, de lápis em punho, como um esplêndido repórter, foi anotando, par e passo, o que êles diziam, o que êles faziam, o que êles comiam, o que êles bebiam. Repito: alguns dos «Vencidos» não morreram ainda — e porventura não morrerão nunca. E porque assim é, estamos daqui a ver, por exemplo, Ramalho, fechar, sorrindo, a última página do volume e exclamar, soprando o fumo do seu eterno charuto: — Este Gomes Monteiro é o diabo. Qualquer dia está canonizado!

CINEMA

As bodas de ouro do cinema

No dia 28 de Dezembro de 1945, o cinema comemora as suas «bodas de ouro», pois se completam cinqüenta anos sobre a data memorável do primeiro espectáculo público, com entradas pagas, realizado, em Paris, no n.º 14 do «Boulevard» das Capucines, nas caves do Grand-Café. Foi ali que o cinema nasceu como espectáculo das multidões. E, desde então para cá, o mundo assistiu à sua velocíssima e extraordinária expansão, documentada através dos milhares de salas que realizam este milagre único de fazer vibrar, nos mesmos anseios e emoções, plateias distantes milhares de quilómetros, e compostas de pessoas de raças diferentes, que o mesmo filme irmana, deitando por terra as barreiras da Humanidade.

Muito embora as opiniões se dividam — há quem atribua a Méliès, em 1896, o mérito de ter iniciado o cinema como atracção pública — não resta dúvida e que foram os irmãos Lumière os primeiros a fazer projectar filmes em condições análogas àquelas que ainda hoje orientam a exploração da indústria cinematográfica. E, assim, parece-nos que a data das comemorações das «bodas de ouro» do cinema-espectáculo não sofre discussão.

Ainda o mundo demasiado preocupado com a guerra para se lembrar de festejar o Cinema, que tem sido, aliás, o mais decidido e disciplinado dos soldados ao serviço dos beligerantes. No entanto, na América, Pátria da indústria, apesar de todos os problemas que preocupam a grande nação de Além-Atlântico, a data não foi esquecida e circula já na correspondência um selo comemorativo deste 50.º aniversário.

Charles Pathé, um dos raros sobreviventes da memorável sessão do Grand-Café, encontra-se hoje em Nova-York. Os irmãos Lumière, homenageados pelo governo francês, em 1935, por ocasião do 40.º aniversário do seu invento, devem estar em França. Georges Méliès, Ferdinand Zecca, Emile Cohl, Thomas Edison — outros obreiros e pioneiros do Cinema — já não pertencem ao número dos vivos. As comemorações do Cinema, a menos que a guerra acabe, não poderão reagrupar na sala do Boulevard das Capucines, todos aqueles que em 1895 e nos anos subsequentes contribuíram para o triunfo maravilhoso do espectáculo dos nossos dias, e que se encontram hoje espalhados pelo mundo. E se as circunstâncias se proporcionarem nesse sentido, mais presentes estarão ainda as sombras dos que fabricaram o reino das imagens — e não puderam assistir à celebração da data festiva.

Em qualquer caso, porém, a noite de 28 de Dezembro não poderá passar despercebida. Portugal não deixará, por certo, de a comemorar também. E não nos parece prematuro que, a um ano de distância, pensemos na forma de a celebrar condignamente.

O Cinema — pelo que nos tem dado — merece estahomenagem da nossa geração.

FERNANDO FRAGOSO

FITAS FALADAS

O Drama de um Juiz» (El Clavo), é um dos melhores filmes espanhóis até hoje exibidos em telas portuguesas.

Com uma história romântica e quasi folhetinesca, encontrou em Rafael Gil um realizador que lhe soube dar o ambiente e o poder de convicção de que carecia, para uma plateia de hoje. Madrid, a velha Madrid de fins de século, ressurgiu, em imagens cheias de beleza, que têm o sabor de gravuras em madeira. Fraille é um grande operador. «El Clavo» classifica-o como tal.

«O Drama de um Juiz» — outro título que pela sua banalidade fica aquém do valor da obra! — evidencia um progresso nítido da cinematografia espanhola. E se o quisermos filiar nalguma escola ou em algum estilo, poderemos dizer que acusa a influência do cinema germânico, o que aliás não é de estranhar dada a formação cinematográfica do seu realizador. Mas nem por isso deixa de ser uma obra retintamente espanhola, com categoria internacional.

E pensamos naqueles que entendem que o cinema do País vizinho, para ser rídicamente nacional, predeverá reduzir os limites das suas possibilidades à «espanholada», com «olés» e castanholas, verbenas e «mantons», «chulapas» e «manzanilla»...

* * *

Há filmes que revelam actores — e actores que revelam filmes. «O Bom Pastor» traz a primeiro plano Barry Fitzgerald, que tem andado perdido até agora por pequenas rábulas, em filmes mais ou menos meritórios. O seu prior de «Going my Way» nunca mais esquece. É uma criação impres-

sionante, onde a bondade e a incompreensão, o azedume e a bonomia se fundem num conjunto cheio de beleza e da pitoresco. Leo Mac Carey, o autor do argumento e o realizador, deve-se ter apaixonado por esta figura de pastor de almas, que se manteve fiel a princípios de outros tempos e não transige de boa mente com certas inovações dos dias de hoje. Mas nem por isso deixa de compreender, no momento próprio, que tudo evoluciona no mundo e que há que adaptar, à hora que passa, a acção evangelizadora dos curas de almas. Das catacumbas de Roma à 5.ª Avenida, vai um mundo de distância. O que não impede os católicos de se manterem fiéis aos princípios eternos.

«O Bom Pastor» é um filme magistral, onde tudo é Bondade e Luz, milagre do cinema nas trevas em que o mundo se debate.

* * *

Danny Kaye venceu e convenceu. É, de facto, um autêntico fenómeno. Em regra, os artistas de rádio são estáticos e hirtos, até por força da atitude a que os força o microfone. Este Danny Kaye é dinâmico até à medula. A sua face desdobra-se, numa mobilidade extraordinária. Canta, dança, representa e imprime tal movimento a todas as cenas, que tudo parece cantar, representar e rir à sua volta. Tem uma excelente figura. E, mais do que isso, criou um «tipo». É a originalidade «em marcha». Saudemos em Danny Kaye um meteoro brilhante, de brilho intenso, no céu das estrelas cinematográficas.

F. F.



Gloria de Haven prepara-se para o seu banho de espuma. Vêmo-la de frente, com o seu roupão e uma toalha atada à cabeça. Um assistente do realizador ajusta o banco onde ela ficará sentada.



Tim Whelan toma a sua água quente para a câmara de filmar. Um empregado do estúdio enche a banheira, com um líquido efervescente. O «cameraman» está a postos. Tim Whelan, o realizador, à esquerda, parece satisfeito.



Gloria despe o roupão e entra para a tina, devidamente preparada. O seu fato de banho ficará completamente coberto pela espuma.

...E pronto! A água aquecida não parece desagradável. Entretanto, como a espuma é pouca, vá de a aumentar... Ao lado da tina, as almas, como em Pompéia, esperam ordens.



Últimos retoques. Um pouco de espuma nos olhos da vedeta é retirado por uma das auxiliares. O operador, com o fotómetro, estuda a luz. À direita, o assistente segura a «claquettes».

...E aqui têm a cena, tal como o público a verá. A linda Glória de Haven toma banho — e, entretanto, vai cantando uma voluptuosa canção...

AINDA há dias, quando se exibiu «Rosa, a Endiabrada», Lisboa assistiu à deliciosa cena do banho de Betty Grable. Numa tina cheia de espuma, a formosíssima vedeta, aparentemente desnudada, era focada pela câmara, na intimidade encantadora duma cena graciosa e feliz.

Como se filmam estas cenas? «Vida Mundial» vai revelar os bastidores do cinema, em circunstâncias semelhantes, na reportagem gráfica que damos a seguir.

Dez minutos de entrevista

GINA CAMPOS

UMA PRODIGIOSA PATINADORA DE 16 ANOS, QUERE ABANDONAR OS PATINS!



GINA Campos, essa irrequieta patinadora, que é o enlévo dos aficionados do patim, vai abandonar as pugnas desportivas.

E porquê? Isso têm perguntado, intrigados, uns aos outros, aqueles que fazem do desporto da patinagem o seu predilecto passatempo.

Inventou-se que ia casar — um rapaz rico, chegado do Brasil, exigente e clássico nas virtudes, que detestava festanças. Disse-se, também, que a gentil patinadora ia entrar no cinema, num filme desenvolvido sobre a neve da Serra da Estrela, não faltando, até, quem se gregadesse que havia proibição médica a interferir na sua solução de abandonar os patins. Certamente, nos «mentideros» do «Gêlo» e do «Palladium», onde se faz e desfaz a vida dos desportistas e do desporto, corriam ainda outras razões mais ou menos verosímilhanes, contra as quais era preciso erguer a verdade. E, assim, diante das coisas mais disparatadas, não tivemos outro remédio senão ir perguntar-lhe a ela, Gina Campos. E fomos. A pequena estava a essa hora no colégio. E veio ao nosso encontro, sorridente, feliz, de bata branca. As colegas, que era a hora do recreio, rodearam-na, cheias de curiosidade. A Gina é boa colega, amiga de todos. Nas aulas disfruta o prestígio de boa aluna, cumpri-dora.

Sentámo-nos na cerca — num banco discreto — e a conversa começou:

— Há quanto tempo patina?
— Desde a idade dos 8 anos. Comecei nesse desporto em Sintra. Era o meu grande divertimento. O pai, ao princípio, tinha medo que eu caísse e não gostava; depois...

— ...Depois...

— Habitou-se!

— A quê? Aos triunfos?

— Não, às quedas! Era raro o dia em que não chegava a casa com os joelhos esfolados. O dia grande foi aquele em que patinei, sòzinha, sem ajudas, dando a volta ao rink.

Lembramo-nos que Gina Campos é especialista em patinagem artística. Ainda o ano passado, em Sintra, numa festa de beneficência, ela dançou primorosamente a «Morte do Cisne», em patins, e ouviu uma das maiores ovações.

Gina Campos, muito contente por termos falado numa das suas recordações, prossegue:

— O meu «par» era o Fausto Lima. Temos dançado, em patins, o que muita gente nunca dançará em sa-lões.

— E porque deixa de patinar?

A conhecida desportista hesita; depois, confiada, um pouco ruborizada:

— Sabe, tenho dezasseis anos...

— E depois? Isso que tem?

— Isso quer dizer que vou sendo uma mulherzinha — com outras preocupações e até com algumas responsabilidades... Já não me sinto bem

no «rinks» com os fatos curtos — e a ouvir certos gracejos de fora.

— Ora, impressão sua!

— Não: É assim mesmo. Além disso, estou no 5.º ano dos liceus. A patinagem começou a desinteressar-me. Não deixarei de fazer ginástica, porque me é precisa.

— E que mais?...
— E de tocar piano... Gosto muito de tocar piano!

— E de que gosta mais?
— Olhe, por exemplo: de ser dona de casa, de ajudar nos serviços domésticos. Mas quando faço isso quero sempre uma recompensa...

— O que é?

E como Gina Campos é filha do conhecido J. Campos, que já chama para aí o «rei dos tabacos», pensamos logo numa avultada prenda, talvez um colar daqueles que constituem um dote...

— E de que gosta mais?
— E então o que é? — insistimos diante da mudez da patinadora.

— Ir muitas vezes ao cinema!

A sineta chama para as aulas. Gina Campos, no meio das colegas, entra no «hall» do colégio.

A sua lição vai começar — e os seus triunfos vão esquecendo.

M. M.



Não é só o piano, não são só os patins. É também o ciclismo. E não se atrapalha com as «pannes».



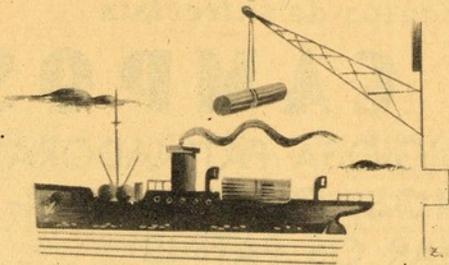
Uma figura de sonho? Não. É a menina dos patins que se desdobra em pianista...



Na sua bata de menina colegial, a gentil patinadora confia-nos os seus segredos...

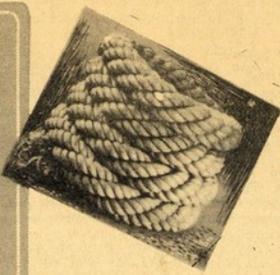


Gina Campos, num momento dos seus bailados em patins.



AS AMARRAS POR MUITO
FORTES QUE SEJAM
TAMBÉM QUEBRAM

A SEGURANÇA DAS SUAS
MERCADORIAS SÓ SERÁ
COMPLETA SE V. EX.
EFFECTUAR O SEU SEGURO
CONTRA OS RISCOS
MARÍTIMOS E DE GUERRA NA



★ULTRAMARINA★

RUA DA PRATA, 108 - LISBOA - TEL. PABX. 23348/9

VIDA
MUNDIAL



NOVOS DISCOS PORTUGUESES

EM PLENO ÊXITO



CANTO
AC. GUITARRA E VIOLA
EQ 347 - Descrença - Fado
Sempre linda - Fado



**DUETO DE
ACCORDÉONS**
PELOS IRMÃOS ALEIXO
EQ 348 - Periquito - Corridinho
Taréco - Corridinho
EQ 349 - Bairrista - Corridinho
Extremoz - Corridinho
EQ 350 - Minhôto - Vira
Alfacinha - Vira



em gravações
"His Master's Voice"



Expedições para a provincia: - Em 1 ou 2 discos, aumente-se ao seu custo 5\$00, para porte e embalagem. A partir de 3 todos os gastos são de nossa conta.

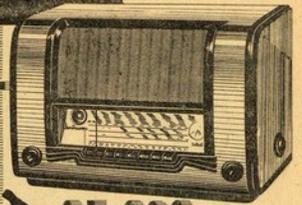
EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

VIDA
MUNDIAL

OIÇA O RADIO DE SOM MARAVILHOSO



Centrum



O ÚNICO RÁDIO DO MUNDO QUE REPRODUZ FIEL-
MENTE TODAS AS NOTAS DA ESCALA
A venda nas boas casas de rádio

Distribuidores em Portugal para revenda: **FILRADIO**
Rua da Madalena, 66, 2.º, Dt. - Lisboa
Distribuidores no norte do País: **PERES PESSOA & C.ª L.ª**
Rua Fernandes Tomaz, 740 - Porto
Distribuidores no centro do País: **MONTEIRO & IRMÃO, L.ª**
Largo da Portagem, 5 - Coimbra



aqui
AMÉRICA

EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
18,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
19,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
20,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WLWR	23,1	WGEX	31,4
21,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WLWR	23,1	WGEX	31,4
22,45	Mela hora de noticias, comentários e música							
	WLWR	23,1	WGEX	31,4				
23,45	Mela hora de noticias, comentários e música							
	WOOC	31,1	WOOW	38,4	WGEX	31,4		
24,45	WOOC	31,1	WRUA	39,6	WOOW	38,4		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «B. B. C.» das 18,45 às 19

EMISSÕES DIÁRIAS
**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

O Internacional vai ficar sem o seu campo?

A nova — a má nova — caiu-nos de chofre na Redacção, e por isso a damos com todas as reservas: o Clube Internacional de Futebol, o pioneiro do puro olimpismo do desporto português, está na contingência de se ver privado do seu campo!

A ter confirmação a notícia, a prestigiosa agremiação seria mais uma vez sacrificada. Não há ainda uma década que o campo das Laranjeiras, de tradições e história gloriosas, lhe foi confiscado, por exigências de urbanização (a relva cresce lá, hoje, tranquilamente...), o que motivou na sua vida momentos crudelíssimos, que só a tenacidade dos sócios e dos dirigentes de então pôde vencer. Surgiu o campo da Rua Possidónio da Silva, e nele o C. I. F. se reteperou de tantas vicissitudes, e nele, também, pouco a pouco, foram introduzidos melhoramentos que reconduziram o clube à sua pujança, desconzida, evidentemente, a diferença de épocas e de sistemas...

Se são de novo as necessidades da estética urbana que voltam a ameaçar o C. I. F., parece-nos conveniente estudar com cuidado o problema, não vá dar-se o caso de mais uma vez se estragar a vida a uma colectividade desportiva e, depois, a exemplo das Laranjeiras, ficar o terreno desaproveitado por muitos a nos e bons!...

DAQUI E DALI

A nossa crítica à reunião de «box» do Campo Pequeno, em que se disputaram dois campeonatos nacionais, encontrou o melhor eco, felizmente, nos sectores que tomam a sério as coisas desportivas! Recebemos algumas cartas de inteira concordância com o nosso ponto de vista, especialmente com o nosso desassombro, que deu no góto a muito boa gente!... Entre esta contam-se muitos «coronéis» disfarçados de «marechais» do pugilismo, que apoiam incondicionalmente os disparates, pela razão simples de que... já tiveram precedentes...

Cá na terra tocam-se os cordelinhos conforme os ventos... Pobres aduladores!...

* * *

Felizmente, mais nenhum árbitro trocou as cores das camisolas dos clubes de futebol... Córes, atilés conhecidas de cor e saltado... Eis um tema curioso para um quadro de comédia...

* * *

Acabaram-se as transferências!... Todas... sejam de que género fórl!... Quem passou anos a abusar do sistema, terá agora que usar a prata da casa. E de fabricar nova!...

AMARO VOLTARÁ A JOGAR?

O afastamento forçado de Mariano Amaro, um valor positivo do futebol português, além de causar grave perturbação no seu grupo, entristeceu aqueles que, embora de outros credos clubistas, sabem apreciar o mérito e a classe do desportista.

Amaro enchia um campo com a sua habilidade, com a fogueira que não quebrava — e, afinal, com uma sobriedade muito própria, muito natural.

A sua retirada foi posta em termos definitivos. O Amaro passaria a viver apenas na saúde dos adeptos da bola... Recordar-se-la como o jogador que, envergando a camisola do Belenenses ou a nacional, marcara o seu lugar inconfundivelmente!...

Eis, porém, que a notícia parece confirmar-se: Amaro deve voltar a



jogar, talvez no campeonato nacional. O popular jogador tem seguido um regime de vida rigoroso, as suas melhoras acentuam-se nitidamente, e em breve será submetido a uma nova inspecção médica.

Alegrem-se, pois, os admiradores do «médio» internacional. É muito natural que a figura de Mariano Amaro torne a participar nos grandes pleitos futebolísticos!...

A «Amicale Portugaise» do Congo Belga honra o nome de PORTUGAL

Há dias, o acaso fez-nos encontrar um grande amigo que há muitos anos não víamos — Aurélio da Rocha Brito, um nome honroso do desporto português. E não surpreende que há muito não fôssemos visto: Rocha Brito partiu, há cinco anos, para o Congo Belga, e só agora regressou a férias.

Um grande abraço e umas horas de amena cavaqueira, durante as quais desfilaram panoramas de exótica beleza e, a alturas tantas — era inevitável — a conversa recaía sobre desporto português e africano. Rocha Brito fala, então, da «Amicale Portugaise», de Leopoldville, capital do Congo Belga, onde o nosso amável informador — porque o que se segue não é uma entrevista — ocupa hoje posição social de relevô.

Eis, nas suas linhas gerais, o que representa a «Amicale Portugaise», fundada em 1925, com elementos da colónia portuguesa e francesa. A partir de 1930, porém, foram afas-

tados os últimos elementos estrangeiros e o grupo passou a ser constituído unicamente por portugueses.

A figura que mais contribuiu para esta situação, foi Raül de Sousa, animador e espírito de iniciativa de primeira grandeza, hoje vice-cônsul de Portugal em Leopoldville.

A «Amicale Portugaise» tornou-se, assim, um ponto de reunião da gente lusa de Leopoldville. All se falava da pátria distante, all se comungava com devoção no amor ao torrão natal. Mas é 1939 que marca o ano áureo da «Amicale». Tendo recebido o concurso de um núcleo valioso de futebolistas, o primeiro «onze» atravessou uma época notabilíssima... Foi o primeiro em todas as competições — ping-pong, basket-ball, automobilismo, motociclismo e futebol — culminando nesta modalidade com a conquista definitiva da magestosa «Taça do Rei Leopoldo», cujo regulamento atribui a vitória ao clube que triunfe três vezes seguidas ou

cinco alternadas e que pesa 11 quilos de prata!...

Três homens deram contributo inestimável para o êxito da «Amicale», em 1938: José Belo, antigo interior direito do Olhanense, no ano em que este foi campeão de Portugal; e mais dois algarvios: Vieira e Amador, jogadores do Portimonense. Eles «mexeram», eles «revolucionaram» o futebol na «Amicale». Actualmente, José Belo, que é barbeiro, ainda joga na «Reserva» quando é preciso, dá os seus valiosos ensinamentos aos novos e é um massagista dedicado. Vieira e Amador estão afastados, este último no interior do Congo Belga.

Os jogadores são todos amadores e pagam pontualmente as suas cotas. Quando porventura é preciso dinheiro — aparece de pronto e com abundância, bastando dizer, para registar o entusiasmo patriótico da colónia que, em prélíos decisivos, vêm portugueses de todos os pontos do Congo Belga.

Nas épocas de 1940 a 1943, a «Amicale» ganhou várias taças em torneios particulares, mantendo o 2.º e 3.º lugares, no campeonato da cidade, entre seis clubes. Nestes, só alinham brancos, pois os negros têm um campeonato à parte.

Na época presente, a «Amicale», além de voltar a conquistar o campeonato da cidade, beneficiou duma importante evolução orgânica. Constituiu-se uma Direcção, formada por entidades de sólida envergadura intelectual e financeira, que estão a

elevant a colectividade a um nível excepcional. Nomearam-se comissões técnicas para dar início à prática de outras modalidades — atletismo, hand-ball, etc. — e foi criada uma comissão para elaborar um projecto de construção de edifício próprio, onde a «Amicale» terá a sua sede e se denominará a «Casa dos Portugueses!» Alargou-se, então, a obra social da agremiação, que muito vasta já é, pois, basta dizer que se um português vem de longe, e em precárias circunstâncias, os da «Amicale», que estejam em boa situação, proporcionam-lhe meios de vida decentes. Abrem-lhe as portas, porque o pensamento de todos é um só: «que um português nunca faça má figura ao lado de um estrangeiro!»

Enfim: a «Amicale Portugaise», de Leopoldville, honra as tradições e o brio da raça!

Estamos autorizados a transmitir uma saudação especial da «Amicale» aos clubes desportivos nacionais.

E, por último, uma afirmação de Rocha Brito: «As autoridades belgas e portuguesas, ao Consulado de Portugal, devemos o maior respeito e o mais profundo dos reconhecimentos, por todas as facilidades e atenções que a «Amicale» têm sido tributadas!»... São assim os portugueses: de coração aberto, generosos, agradecidos e patriotas, estejam onde estiverem...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



A turma da «Amicale Portugaise», que em 1938-39 arrebatou todos os troféus disputados em Leopoldville



José Belo e a seu lado algumas das taças ganhas pela «Amicale», com o concurso fundamental daquele valoroso desportista. Ao centro, a taça «Rei Leopoldo», com os seus 11 quilos de prata.

Paris-Moscovo

A libertação territorial da França está concluída ou prestes a concluir-se. O drama da França, porém, não toca o seu termo, pela simples razão de que não começou no mesmo dia em que a França começou a ser sulcada pela torrente da Wehrmacht. Pelo contrário, a sua verdadeira extensão situa-se mais amplamente no espaço e no tempo — pelo espaço que as suas fronteiras lhe assinadam no mapa da Europa e, cronologicamente, pelo condicionalismo que tem sido, séculos fora, a causa de guerras sucessivas. O verdadeiro drama da França é o que se apresenta na circunstância de ser possível, a um francês de 70 anos, ter sofrido o ambiente e as consequências de três guerras que produziram outras tantas invasões do seu território: a guerra de 70, a de 14, a de 39.

O FATALISMO HISTÓRICO

Alguns, por certo, existe, que pode assemelhar-se a um certo fatalismo histórico. Nem há que tentar mascarar com a cor dos conflitos ideológicos o que, manifestamente, se situa num plano inteiramente diferente. Em 1870, a França, vencida, perdeu a Alsácia e a Lorena. Vinte e dois anos depois, o alemão Karl Liebknecht, por certo, uma das figuras mais representativas do ideário socialista internacional, assistia em Marselha a um congresso operário francês, quando foi conhecida a ordem da sua expulsão de França.

— Tenho o desgosto de concluir — disse ele — que o governo alemão (não esquecer que vigorava o regime monárquico sob a égide de Guilherme II), é mais republicano que o da República francesa.

— E a Alsácia? — gritou um delegado presente, estoirando do sagrado patriotismo francês.

— Façam a República democrática e social — respondeu o socialista alemão — deixem-nos fazer a nós também a República democrática e social e a questão da Alsácia-Lorena será regulada.

Era uma evasiva, manifestamente. A Alemanha imperial foi vencida em 1918, o regime foi derrubado, o social-democrata Stresemann ocupou a direcção da política externa da República alemã, e — foram os seus «Papéis» que o confirmaram se não bastasse a prova dos factos — logo o seu afã se consagrou à tarefa de procurar os meios que possibilitassem fazer letra morta do compromisso de Verselhes e restituir à Alemanha uma posição de predomínio no tabuleiro europeu. O III Reich hitleriano não teve senão que prolongar e levar até às suas últimas consequências a política traçada pelos chanceleres de Weimar.

Quere dizer: para além da questão de regime há o próprio condicionalismo geográfico. A morte recente de Caillaux fez evocar uma figura que foi protagonista de alguns acontecimentos que iluminaram notavelmente esse conjunto de circunstâncias constantes.

OS DOIS PRATOS DA BALANÇA

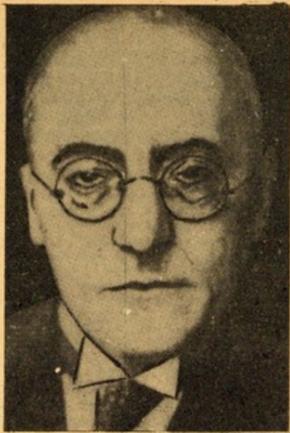
A política interna da França oscila, deste modo, permanentemente, em face da insegurança da sua fronteira oriental. Os seus apoios naturais, já tradicionais, são a Grã-Bretanha e a Rússia. Quando Baldwin proclamava, em plena Câmara dos Comuns: — «A nossa fronteira está no Reno» — limitava-se a enunciar, por uma expressão que só era audaciosa na sua forma exterior, um sentimento profundo que estava já na compreensão de todos os ingleses. Chamberlain procurou evitar a guerra de 39, até ao último instante, como em 14, quando já tinha começado a corrida dos ultimos, três quartas partes do gabinete britânico entendiam que a Inglaterra deveria conservar-se à margem do conflito que viesse a estalar — contando que, se a Rússia chegava para a Áustria-Hungria, a França chegava para a Alemanha. O volume dos acontecimentos é que, na última hora, dita a última decisão. A distância, a França sente o desejo de se sentir confortada com o apoio da Rússia. Quando uma esquadra de Nicolau II foi a Toulon, em 1883, a França republicana delirou de entusiasmo a aclamar os marinheiros de uma esquadra do autocratismo tsarista: era a primeira manifestação internacional de amizade, de apoio, que a França recebia depois da derrota de 70 e era o caminho para o Triplíce Entente que mais tarde havia de fazer frente a Berthoin. Em 1935, foi Laval, no seguimento da política aberta por Berthoin, que a incompreensão dos polacos não quis secundar — quem subscreeu com Litvinoff o acordo franco-soviético. Em 1944, é De Gaulle que vai a Moscovo para reatar um jôgo de relações que está tanto na tradição como na escala dos próprios interesses franceses.

NÃO HÁ EUROPA SEM A FRANÇA

A beira da reconstituição da carta diplomática da Europa, a França recupera a sua posição pelo próprio automatismo da História. Não foi por acaso que Churchill fez a sua tormentosa viagem aos Vosges, debaixo de neve, por estradas sobre precipícios, para inspecionar as tropas francesas que iam lançar-se à conquista da passagem de Belfort e da fronteira do Reno: era também o sentimento de ser preciso fornecer aos franceses a oportunidade de lhes restituir o seu grande prestígio militar, que podia parecer abalado pelo cataclismo de 1940. Na verdade, não se pode fazer uma Europa contra a França — nem sem a França. Em 1814, no Congresso de Viena, reunido para reagrupar o continente, depois da queda de Napoleão, quando Talleyrand chegou como representante do país vencido, a experiência e o génio do diplomata chegaram para, mal começados os trabalhos, ele passar imediatamente à categoria de um dos principais inspiradores do concerto. Talleyrand era um colosso, mas não tinha nulidades na sua frente: entre outros, lá estava outro grande «virtuoso», o príncipe de Metternich. E que Talleyrand não era só ele — era a própria França.

Hoje, como ontem, essas realidades são irremediavelmente ponderáveis. De Gaulle é o homem forjado pelos acontecimentos. O «Quai d'Orsay» é hoje dirigido por Georges Bidault, um universitário, de extracção católica, que se ilustrou nas batalhas duras da Resistência. Qualquer que seja o seu pensamento — Eden mostrou-se encantado com o primeiro encontro que teve com ele, e os comentadores britânicos procuram interpretá-lo — a ligação das realidades será, por certo, o seu definitivo conselho. A retomada de contacto com Moscovo está na ordem natural dos interesses da França — até mesmo como compensação para o que, em certa medida e em incerta oportunidade — poderia revelar-se uma excessiva influência do bloco de língua inglesa: o exclusivo apoio anglo-americano poderia, com o decurso do tempo, pesar em demasia só para um lado, numa fase em que, concluída que for a batalha militar, a luta de interesses económicos atingirá uma importância de que a recente conferência aeronáutica de Chicago nos deixa antever já o que seja. Na aliança a leste está o outro prato da balança...

J. R. S.



ALEMANHA

Uma figura política que ressurgiu?

declara: para a Alemanha, uma economia sã, antes de tudo; crê no desarmamento, e...

A imprensa estrangeira levanta uma interrogação: o futuro chanceler do Reich será um professor da Universidade de Harvard?

Trata-se do sr. Anderson que, quando foi, há pouco, abordado pelos jornalistas americanos, respondeu:

— Digam que eu não quero ser chanceler do Reich e, acima de tudo nada tenho a ver ou haver com o Dr. Otto Strasser!

Entretanto, certos meios americanos e «alemães livres» discutem as probabilidades de ver entrar na Alemanha o professor Anderson como sucessor de Hitler...

Vejamos, porém: Anderson é o chanceler Brüning que, em 1934, fugiu para os Estados Unidos onde passou a fazer conferências sobre economia e onde conquistou a cadeira de economia política, na Universidade de Harvard. Um dia pediu para mudar de nome — ele dissera, à chegada, que não mais se ocuparia do país onde, durante dois anos, fora Primeiro Ministro — e passou a chamar-se John Anderson, para despistar os importunos. Em 1937, pede para se naturalizar americano. Mas o processo é moroso, arrastam-se dois anos, rompe-se a paz e Anderson fica alemão e pode ser que um dia se elogie a administração americana por este atraso infundado...

Durante dois anos, pois, o Dr. Heinrich Brüning foi chanceler alemão — e esses foram dos tempos mais dolorosos para a República alemã — de Março de 930 a Junho de 1932 — coincidentes com os preparativos do advento do nazismo. Briand e Laval recebem-no bem, parece que o mundo vai poder respirar a paz e os benefícios de aproximação da Alemanha. Na Conferência do Desarmamento, a sua política impõe-se. Entretanto, a sua política interna caminha mal. É o caso agrário da Prussia Oriental. As reformas perdem-no — e enquanto no estrangeiro apoiam a sua política, na Alemanha expulsam-no do poder. Hindenburgo nada pode — e Brüning, de resto, nada pede ou nada aceita, nem mesmo a pasta dos Negócios Estrangeiros: não quer servir de fachada aos extremistas e consegue fugir, depois de estar na lista negra dos nazis, disfarçado de comerciante.

Nos Estados Unidos escreveu mas recusou-se a publicar a história dos seus dois anos no poder. Do mesmo modo, nunca assinou um artigo que pudesse constituir o programa de uma Alemanha de amanhã, mas os seus alunos de Harvard sabem quais são as idéias que transparecem nas suas lições: o Tratado de Versalhes foi um erro, por ser «excessivo»; o tratado de paz ideal foi o de Viena, em 1815, que pôs fim às guerras napoleónicas e onde o representante da França vencida — Talleyrand — discutiu em condições de igualdade com os vencedores. Entende que a educação do povo alemão, pelos estrangeiros, será contraproducente, e

declara: para a Alemanha, uma economia sã, antes de tudo; crê no desarmamento, e...

— Digam que eu não quero ser chanceler do Reich e, acima de tudo nada tenho a ver ou haver com o Dr. Otto Strasser!

Entretanto, certos meios americanos e «alemães livres» discutem as probabilidades de ver entrar na Alemanha o professor Anderson como sucessor de Hitler...

Vejamos, porém: Anderson é o chanceler Brüning que, em 1934, fugiu para os Estados Unidos onde passou a fazer conferências sobre economia e onde conquistou a cadeira de economia política, na Universidade de Harvard. Um dia pediu para mudar de nome — ele dissera, à chegada, que não mais se ocuparia do país onde, durante dois anos, fora Primeiro Ministro — e passou a chamar-se John Anderson, para despistar os importunos. Em 1937, pede para se naturalizar americano. Mas o processo é moroso, arrastam-se dois anos, rompe-se a paz e Anderson fica alemão e pode ser que um dia se elogie a administração americana por este atraso infundado...

As vicissitudes da política

A política é uma roda que, ora anda, ora desanda, Laval tem conhecido todos os favores e desfavores da política. Hoje, a pena de morte caiu-lhe sobre os ombros. Ontem foi forte e poderoso. Ontem teve fortuna — hoje, os seus bens estão a ser arrestados. Em Châtelon, foram vendidos muitos dos seus haveres, aqueles que não teve tempo de levar ou vender, na sua partida precipitada para a Alemanha. E certo que, no seu belo castelo de Châtelon, não ficou muita coisa de grande valor. Entretanto, um fotógrafo que por lá passou, por ocasião da venda em hasta pública, pôde fazer esta foto, em que reuniu alguns objectos simbólicos e legendários: a gravata branca, alguns retratos, um busto de Hitler, o cofre-forte — vazio, claro.

A hasta pública rendeu pouco mais de dois milhões de francos, embora a sua fortuna esteja avaliada em quatro milhões.



AMÉRICA

Os estudantes aprendem a governar e a governar-se...

TODOS os sistemas educativos das escolas e colégios americanos atribuem particular importância à educação cívica e à prática dos princípios democráticos de auto-governo. Assim, os estudantes são levados a cultivar as qualidades de chefes, entrando, ao mesmo tempo, em contacto com os pormenores do governo popular. Para tanto, além dos cursos académicos, numerosas escolas americanas promovem experiências de auto-governo, entre os estudantes, para o que muitas cidades destinam um dia do ano lectivo, à direcção dos estudantes que passam a ocupar os cargos de «mayors», vereadores, juizes, delegados e chefes de vários departamentos.

A «Midwood High School», notável escola pública de Brooklin, em Nova-York, oferece aos seus alunos, em número de 4.500 e cujas idades variam dos 14 aos 18 anos, uma excelente oportunidade de aprender por si os segredos do auto-governo. Essa escola ampliou as suas aulas regulares, com uma organização perfeitamente desenvolvida e seguindo os moldes típicos do governo municipal. E, assim, os seus estudantes elegem os funcionários respectivos dos três poderes do Estado, tal como se faz na América, ou seja o executivo, o legislativo e o judicial.

Para tanto, os estudantes realizam campanhas eleitorais, com discursos e reuniões de partidos, declarações de princípios e todas as praxes seguidas nas eleições verdadeiras. Após a sua eleição, o «mayor» da «Midwood High School» procede à eleição dos seus vários Comissários, tais como o Comissário das Decorações, cuja missão consiste em inspecionar as decorações do grande edifício, nos dias de festa ou feriados, e o Comissário da Sanidade, encarregado de olhar pela limpeza da escola... Também são eleitos os membros do «Conselho da Cidade», ou seja o poder legislativo. O tribunal trata dos problemas relativos a quaisquer infracções cometidas contra as regras escolares, incluindo conduta indisciplinada, o facto de se correr no lado dentro do edifício da escola.

Quanto ao «Victory Corps», esse nasceu com a guerra e trabalha em estreito contacto com os dirigentes escolares, para aproveitamento dos alunos no esforço de guerra.

Assim, mediante esta aprendizagem do sistema social, os estudantes da «Midwood High School» adquirem valiosos conhecimentos de organização política e administrativa e do exercício de todas as obrigações e direitos do cidadão americano, conhecimentos que porão em prática, ao atingirem a idade adulta, pois só assim é possível criar cidadãos conscientes do seu destino e do destino da pátria.



Os rapazes precisam de estar bem informados. Este locutor da «Midwood High School» transmite as notícias da escola.



O «Argus» é o jornal da Escola. Aqui estão os redactores fazendo a leitura das «Cartas ao director»...



Esta gentil rapariga cometeu um crime: infringiu as leis do tráfico, de modo que comparece no tribunal que reconstruê o crime...



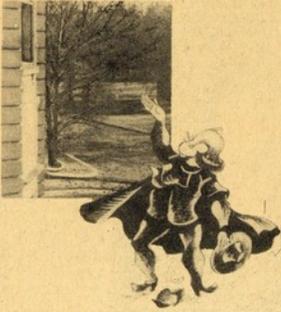
Eis outra função importante: a de comissária de alimentação, eleita pelos alunos e que está a prestar provas...



Terminaram as eleições. O novo «Mayor» presta juramento, perante o director da escola...

HUMORISMO

Ventura e o Outono...



— Outono... Outono, és a estação maravilhosa que fazes os poetas infinitamente sonhadores. Que espectáculo maravilhoso resulta das árvores despidas de toda a folhagem, e a folhagem a rolar lubricamente levada pelo vento... Meu estro te saúda, Outono... Outono!



— Ah, poeta... poeta, se tivesses de apanhar as folhas... se os teus versos fossem escritos com esta pesada pena não cantavas assim... não!...

FUMADORES

Podéis fumar hoje mais que nunca e ficar com os dentes como tições, porque «Embryodine-Dental» põe-nos brancos e brilhantes em alguns minutos apenas.

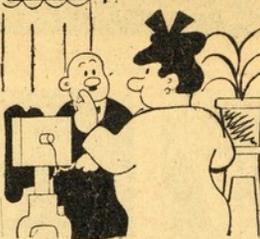
EMBRYODINE-DENTAL

vende-se nas boas casas. Um tubo, 10\$00. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Ildefonso, 29—Pórtio. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.*. Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª Dir.*. Telefone 43582.



A PRIMEIRA ENTREVISTA

— Estavas há muito tempo à minha espera, querido?
— Não, meu amor...



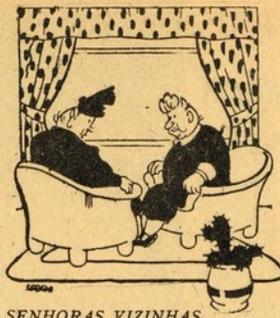
NO FOTOGRAFO

— Um momento, que me esqueci de pôr perfume!



DIREITOS FISCAIS

— Dou-lhe a minha palavra de que não tenho nada a declarar!



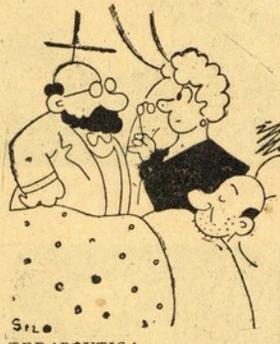
SENHORAS VIZINHAS

— Digo-lho eu, não têm onde cair mortos!
— E gastam mais de sessenta contos por ano, imagine!
— Pois é só para fingir que têm dinheiro!



O BEBÊ NÃO DORME...

— E lembrar-me eu que, nas minhas conferências não resiste nenhum!



TERAPEUTICA

O MÉDICO — Fêz a cataplasma, como indiquei?

A ESPOSA DO ENFERMO — Sim, sr. doutor, mas o meu marido é tão teimoso, que só comeu metade!



DO QUE ELAS SE SERVEM!

ELA — Preciso de renovar o guarda-roupa, que toda a vizinhança me conhece já pelos vestidos!
ELE — Então, o mais económico, será mudar de vizinhança...



COMODIDADE

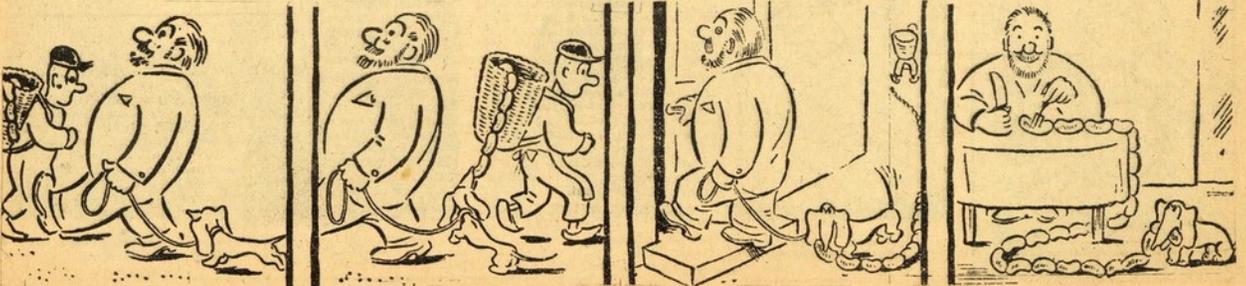
— Ora esta, então estás a dar café à vaca?!
— Pois, para não ter que estar depois a preparar o café com leite na mesa!



TEMPOS MODERNOS

— Não te canses a estudar, minha filha, olha que os homens preferem as estúpidas...
— No seu tempo, mamã!

HISTORIA SEM PALAVRAS



CORRESPONDÊNCIA

MÁSCARA DE COBRE (Moita) — Quando se publicar o regulamento geral dos Concursos Mensais ficará satisfeita a sua curiosidade. O seu problema foi para a «bichas»...

LOBO SOLITÁRIO (Pórtio) — Cautela com o prelo encefálico. Que tal está o frio no Pórtio? Já tenho saudades disso...

INSPECTOR SERRANO «O SIFRA» (Faro) — As cartas para Mademoiselle Loira e para Miss Vamp já seguiram.

REPORTER GUADIANA (Parede) — Muito obrigado pelas suas tão amáveis palavras. Quanto ao alvitre a que se refere... talvez em breve possa ser realizado. Mas a seu tempo falaremos.

ALL-ROUND DETECTIVE (Mafra) — Afinal, foi pena que não concorrêsse ao 22, illustre colega. Vamos a ver que tal te dá com o 25. Fico esperando os teus «considerandos»...

JOSÉ DE SOUSA (Pórtio) — Teria muito gosto em competir com Mimi (Viana do Castelo), a qual começou ao mesmo tempo do que éle. Que diz a Mimi vianense a isso?

PHILO VANCE (Lisboa) — Os seus «coca-bichinhos» a preto e a vermelho são enormemente pitorescos. Com que então nada há de especial em servir-se à esquerda, sem ser ca-

ARQUIVO DE PROBLEMAS PARA OS CONCURSOS MENSIS

Foram enviados para estudo mais os seguintes problemas:

Crime ou suicídio?, por Detective Vaos (Pórtio).

A morte do usurário, por Mário Claro da Silva (Pórtio).

O tigre assassino, por Artur Varatojo (Lisboa).

Aconteceu num concerto, por Lord Jackson (Aveiro).

O crime do Cais do Sodré, por R. P. (Lisboa).

Envenenado!, por Leiria Dias (Lisboa).

Nota — Como já uma vez dissemos, os leitores podem continuar a enviar problemas, pois eles irão sendo seleccionados, a fim de se publicarem nos vários Concursos Mensais.

nhoto? Mas quem disse o contrário? Também eu conheço uns cavalheiros que usam óculos, apesar de não terem falta de vista...

MÁSCARA DE COBRE (Moita) — Felício Leiria Dias pelo seu depoimento na *Tribuna do Leitor*.

DETECTIVE DE CALÇAS (Coimbra) — Fico esperando os prometi-dos problemas. E cautela com as tricanas...

REPORTER MISTÉRIO

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema 23

MÉRITO ABSOLUTO:

- (3) Agente Z (Coimbra).
- (16) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (1) Alexis Nemo (Lisboa).
- (5) All-Round Detective (Mafra).
- (18) António C. Bernardo (Loures).
- (6) António Pisco da Silva (Lorvão).
- (12) Arturo Silvari (Lisboa).
- (18) Artur Varatojo (Lisboa).
- (2) Camf (Manteigas).
- (12) Carlos Idães (Lisboa).
- (3) Detective Águia (Lisboa).
- (13) Detective de Calças (Coimbra).
- (4) Detective Vaos (Pórtio).
- (12) Éle e eu (Lisboa).
- (6) Elvira de Castro (Erme-zinde).
- (5) Esóf Rapsag (Covilhã).
- (2) Fantoma (Lisboa).
- (19) Fernando Edgar Trigo (Erme-zinde).
- (10) Fernando Rosa (Leiria).
- (3) Inspectora Coral (Lisboa).
- (8) Inspector Manardo (Setúbal).
- (17) Ivone Costa (Lisboa).
- (1) Jorge Ramos de Oliveira (Lisboa).
- (3) José Valido de Sequeira (Lisboa).
- (1) J. Othos (Lisboa).

- (2) Júlio Fogaça dos Santos (Lagos).
- (22) Leiria Dias (Lisboa).
- (15) M. (Algarve).
- (14) Mário Claro da Silva (Pórtio).
- (18) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
- (21) Natércia Pereira Leite (Lisboa).
- (15) O Lóbo Solitário (Pórtio).
- (1) O Santo Maledeuse (Douro).
- (8) Os três irmãos (Lisboa).
- (14) «Philo Vance» (Lisboa).
- (1) Rapsag (Setúbal).
- (3) Reporter Guadiana (Parede).
- (2) Reporter Licam (Pórtio).
- (1) Reporter Mary (Setúbal).
- (2) Rocanolí (Nelas).
- (18) Rómulo (Lisboa).
- (13) R. P. (Lisboa).
- (2) Sardoá Fontes (Santo Tirso).
- (12) Simara (Lisboa).
- (17) Timoso n.º 1 (Loulé).
- (2) Zirteba (Lisboa).

MÉRITO RELATIVO:

- (2) Detective Senunobas (Tavira).
- (8) Fanasha (Coimbra).
- (1) Freqüentista R. B. T. (Pórtio).
- (4) Inspector Montenegro (Pórtio).
- (20) João Alberto Gouveia (Guarda).
- (1) Jorge Belo (Viseu).
- (11) José Bálamo (Lisboa).
- (8) José de Sousa (Pórtio).
- (2) Manuel A. Rocha (Pórtio).
- (16) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
- (7) Máscara de Cobre (Moita).
- (2) O Pucarinho de Barro (Lisboa).
- (1) Rólo (Leiria).
- (5) Rui Alberto Coimbra (Aveiro).
- (1) Somos Dois de Braga (Braga).
- (7) Três Sombras (Lisboa).
- (6) Zarathrusta (Lisboa).

PROBLEMA N.º 25

O CASO DE ONTEM À NOITE

Original de REPORTER MISTÉRIO

ÉSTE é o último problema da primeira série. Acendendo aos pedidos insistentes de alguns leitores termino, porém, esta série com um problema de minha autoria. Dedico a todos os brisosos solucionistas de «Mistério e Aventura», fazendo votos sinceros para que o problema lhes interesse e agrade. E, agora, vamos ao caso.

I

O QUE SUCEDEU ONTEM À NOITE

Ontem à noitei precisamente às vinte horas e trinta e cinco minutos telefonaram da vivenda «Mae Belo» a comunicar que o senhor Acácio Xavier da Gama, dono da vivenda, fóra encontrado morto no seu escritório e que se suspeitava dum crime.

Daf a minutos, no local da morte, tomaram-se os apontamentos necessários para a investigação.

O senhor Acácio Xavier da Gama estava sentado à secretária, com a cabeça tombada sobre o lado direito da mesma e quasi a decair na primeira gaveta do mesmo lado, gaveta

essa que se encontrava entreaberta e na qual se viam dispersas algumas jóias. A mão direita do morto segurava ainda, amachucada, uma carta anónima, escrita à máquina, em que o ameaçavam de morte breve, por vingança.

A morte fóra provocada por um tiro certoiro nas fontes, do lado direito. Junto dos pés do senhor Xavier da Gama, estava o revólver que o matara.

A porta e as janelas do escritório encontravam-se completamente fechadas pelo lado de dentro. A chave da porta appareceu sobre um tapete logo à entrada do escritório.

Perto da secretária, numa mesinha baixa, havia um cinzeiro com restos de «Cameis».

No momento em que o senhor Xavier da Gama fóra encontrado morto, estavam na vivenda «Mac Belo», quatro pessoas: Francisco, o único criado; Lúcio Xavier da Gama, o filho mais velho do dono da casa; Marcos Xavier da Gama, o filho mais novo; e Rodrigues dos Santos, antigo companheiro de Xavier da Gama,

nos seus tempos de famoso artista de circo, e que aguardava uma entrevista marcada para as vinte e uma e trinta com o próprio Acácio Xavier da Gama.

De tudo se fez um rápido «cróquis», para melhor elucidação. El-lo:

II

DECLARAÇÕES

Foram as seguintes as declarações de cada um dos interrogados:

FRANCISCO, o criado — Não sei de nada... O senhor Acácio acabou de jantar às dez e nove horas e disse que tinha visitas a receber. Pouco depois das vinte e uma horas dei entrada ta senhor Rodrigo dos Santos e levei-o para a sala. Nessa altura, o senhor Xavier da Gama discutia com uma senhora que não sei como entrou. Ouvi-o apenas dizer: «Lúcio é uma infâmia teida pelo Lúcio!». Nada mais. Quanto às relações do senhor Xavier da Gama com os filhos, éle foi sempre mais amigo do Marcos.

RODRIGO DOS SANTOS — Sim.

Solução do problema N.º 24

Dois pontos fundamentais bastaram ao inspector Jackson para esclarecer o mistério da morte do doutor Pierce:

1. — As «sandwiches» estavam ressequidas (fig. 2) e não podiam, portanto, ter sido preparadas apenas há vinte minutos como afirmava o assistente Gilbert Mausee. Pelo contrário, aquelas «sandwiches» deviam ser bem antigas...

2. — Se a tesoura estivera na posse de Megan, nessa tarde, e à noite não apresentava as suas impressões digitais, provava que alguém se servira dela cuidadosamente (alguém que não era Megan, com certeza).

Ora, como Gilbert Mausee mentira proposadamente na questão das «sandwiches», as suspeitas do inspector caíram sobre éle.

Aliás, Mausee acabou por confessar. Aproveitara um momento de distração do doutor Pierce, a secretária, quando registava a experiência, para lhe chegar ao nariz um algodão fortemente embebedo em éter. Depois, matou-o com dois golpes de tesoura. Queria apoderar-se da fórmula que o outro descobrira. Para isso já premeditara o crime e roubara à noiteinha a tesoura de Megan.

Para melhor compor o cenário, arranjara a história das «sandwiches» e do leite. Por outro lado, contava com a rivalidade amorosa entre Denny e Megan, para que elas se accusassem mutuamente caso não acreditassem no suicídio de Pierce. Esqueceu-se somente de ser mais e menos cauteloso. Mais cauteloso nas «sandwiches», pois não se devia ter aproveitado de fatias antigas de pão — e menos cauteloso na tesoura, porque a falta de impressões digitais apenas serviu para confirmar as suspeitas do inspector...

III

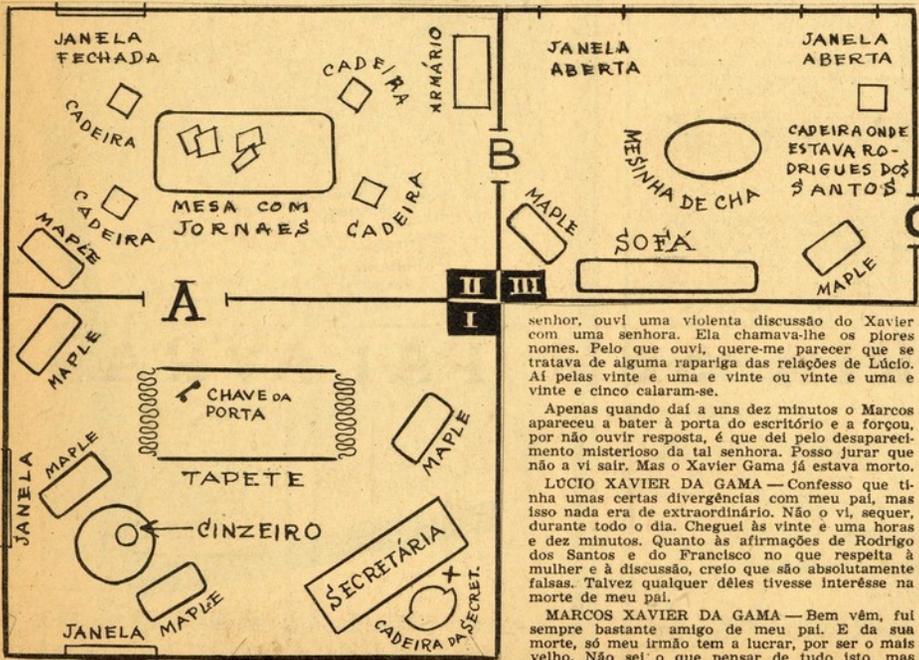
OUTROS DADOS

A) Acácio Xavier da Gama vivia riquíssimo depois duam vida agitada, em que fóra artista de circo, empresário e capitalista. Agora, encontrava-se retirado dos negócios.

B) Das pessoas que estavam na vivenda «Mac Belo», todas fumavam tabaco nacional, excepto Lúcio Xavier da Gama, que preferia cigarros americanos.

C) Entre a base da porta do escritório e o solo havia uma abertura

(Continua na pag. 16)



senhor, ouvi uma violenta discussão do Xavier com uma senhora. Ela chamava-lhe os piores nomes. Pelo que ouvi, quer-me parecer que se tratava de alguma rapariga das relações de Lúcio. Afé pelas vinte e uma e vinte e vinte e uma e vinte e cinco calaram-se.

Apenas quando daí a uns dez minutos o Marcos appareceu a bater à porta do escritório e a forçou, por não ouvir resposta, é que dei pelo desaparecimento misterioso da tal senhora. Posso jurar que não a vi sair. Mas o Xavier Gama já estava morto.

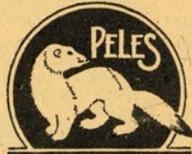
LÚCIO XAVIER DA GAMA — Confesso que tinha umas certas divergências com meu pai, mas isso nada era de extraordinário. Não o vi, sequer durante todo o dia. Cheguei às vinte e uma horas e dez minutos. Quanto às afirmações de Rodrigo dos Santos e do Francisco no que respeita à mulher e à discussão, creio que são absolutamente falsas. Talvez qualquer deles tivesse interesse na morte de meu pai.

MARCOS XAVIER DA GAMA — Bem vêm, foi sempre bastante amigo de meu pai. E da sua morte, só meu irmão tem a lucrar, por ser o mais velho. Não sei o que pensar de tudo isto, mas nunca simpatizei com esse tal Rodrigo dos Santos. Só vinha cá para pedir dinheiro ao meu pai.

Alicel

APRESENTA NOS SEUS
SALÕES DE ALTA
CONFECÇÕES DE PELES

encantadora criações—1945, em CASACOS de vison, «breitchwanz», «elena», «mouton-doré», «petit-gris» e outras pelagens selectas, por preços bem inferiores à categoria dos figurinos e ao primor das qualidades.



DENTALINA

RUA DO LORETO, 55, 1.
TELEFONE 2 4991

Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quere ter os dentes sãos e belos lave-os com SULFADETINA

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELB REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDENCIAS NA PELE. ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



UMA NOVA COLECCÃO OS PORTUGUESES NO MUNDO

Colecção histórica de novelas, narrativas e evocações das viagens célebres, explorações científicas, campanhas e aventuras terrestres, marítimas e aéreas, em todas as cinco partes do mundo, vidas de portugueses ilustres, etc.

A colecção «Os Portugueses no Mundo» fará desfilar sob forma amena, para prender — e sem quebra da verdade, para instruir — o cortejo das grandes figuras portuguesas desde os fundamentos da nacionalidade até aos nossos dias.

Como colaboradores serão chamadas a dar o seu contributo a tão proveitosa e nobre iniciativa personalidades eminentes e eruditas do nosso meio literário, de par com muitos dos nossos melhores ilustradores.

ACABA DE APARECER:

- 1) COMO SERPA PINTO ATRAVESSOU A AFRICA, pelo capitão *Gastão Sousa Dias*, 1 volume de 240 páginas, ilustrado com desenhos documentados na obra de Serpa Pinto, por *Emérico Nunes*, 16\$00, pelo correio à cobrança mais 1\$00.

A SEGUIR:

- 2) A GRANDE TRAVESSIA AFRICANA DE CAPELO E IVENS, por *Rafael Ávila Azevedo*.
- 3) DESTINO HERÓICO DE VASCO DA GAMA (descobrimientos do caminho marítimo para a Índia), por *João de Barros e Julião Quintinha*.
- 4) OS CORTES REAIS NA AMÉRICA DO NORTE, por *César de Frias*.
- 5) FERNAO MENDES PINTO E AS SUAS PEREGRINAÇÕES NO ORIENTE, por *Aquilino Ribeiro*.

Outras obras em preparação

Espécimes grátis a quem pedir

A VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos à

LIVRARIA SÁ DA COSTA-Editora

Rua Garrett, 100-102 / LISBOA

O CASO DE ONTEM À NOITE

(Continuação da pág. 15)

por onde entrava perfeitamente qualquer objecto de pouca altura.

D) Acácio Xavier da Gama sofria de crises cardíacas e o seu médico recomendara-lhe uma vida muito calma, pois o seu coração já não aguentava muito tempo.

E) O revólver caído aos pés de Acácio Xavier da Gama não apresentava impressões digitais.

F) Lúcio Xavier da Gama era um jogador inveterado e perdera ultimamente grandes quantias.

G) Devido a um desastre de circo, Acácio Xavier da Gama tinha partido os dedos da mão direita.

H) Marcos devia partir para uma grande caçada no dia seguinte.

IV

QUESTIONÁRIO

1. — Como se deu a morte de Acácio Xavier da Gama?

2. — Quem foi o assassino? Porquê?

3. — Por onde entrou e safu a dama misteriosa?

4. — Em que época decorreu este caso?

5. — A quem pertenciam os restos do «Camel»?

6. — Como apareceu a chave sobre o tapete do escritório?

7. — Qual o móbil da morte de Acácio Xavier da Gama?

8. — Porque estava a gaveta entreaberta?

9. — Rodrigo dos Santos falou verdade ou mentiu? Porquê?

10. — As nove horas quantas pessoas estavam na vivenda «Mar Belos»? Quais?

11. — Houve cúmplices no crime? Quem foram os cúmplices? Porquê?

12. — Porque é que nenhum dos declarantes deve ter ouvido o tiro, e porque não apresentava o revólver impressões digitais?

13. — Como pensa que se tenha passado o caso?

* * *

A resposta a cada pergunta poderá valer de 0 a 5 pontos, conforme o seu valor. Mérito Absoluto para os que conseguirem mais de 55 pontos. Mérito Relativo dos 30 aos 55 pontos.

(Ler respostas no próximo número)

Américo Taborda

(Continuação da pág. 3)

A crítica deu-me ensinamentos e desejei continuar.

— Trabalha noutra ocupação, ou faz só vida pela arte?

— Só vivo dos meus trabalhos. Escrevo também.

— Qual foi a alegria que sentiu quando lhe compraram o primeiro quadro?

— Não faz ideia! Julgava-me o maior pintor. Quis guardar esse dinheiro como recordação, mas no outro dia era preciso comprar tintas, e pronto... foi-se embora.

— E projectos?

— Vou dentro em breve à Itália e a França, e farei um longo estágio nos Países Baixos. Para isso, necessito que se normalize a situação e que cada um possa passar por onde lhe aprouver. Visitarei catedrais e monumentos de um álbum que já tenho começado e que se chama o «Roteiro do Mundo», desde as pirâmides do Egipto à cúpula de S. Pedro.

Despedimo-nos. Américo Taborda deixa correr os seus olhos de pintor na longa jornada dos anseios — e fica absorto, contemplando da sua janela o casario do Bairro Alto...

Sabe responder?

(Respostas às perguntas da pág. 6)

1 — Everest; 2 — Na Ásia; 3 — 8.880 metros; 4 — Nas Filipinas; 5 — 10.100 metros; 6 — 300.000 quilómetros por segundo; 7 — Cérca de 320; 8 — O Japão. Cérca de 4 por dia.



ESCOLA DE CORTE, COSTURA E CHAPEUS

ATENÇÃO
PÔRTO!

M. ME JUSTO

A MELHOR E MAIS FREQUENTADA DE TODO O PAÍS
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Satisfazendo inúmeros pedidos que nos têm sido feitos por senhoras portuguesas, vamos brevemente inaugurar nesta Cidade uma sucursal desta conhecida Escola, na qual seguimos os métodos e normas adoptadas.

A Direcção desta Escola, desejando proporcionar a grande estima que todas as suas alunas lhe merecem, resolveu oferecer para o próximo Natal uma máquina de costura completamente nova, a uma das alunas que tiver a felicidade de ser premiada, para isso faremos nesta Escola um sorteio — sério e justo — entre todas elas. Neste sorteio haverá também um segundo prémio que consistirá dum modelo de chapéu à escolha da contemplada. Estas ofertas repetir-se-ão de 6 em 6 meses. A DIRECÇÃO SALIENTA QUE ESTES PRÉMIOS SÃO OFERTADOS GRATUITAMENTE NÃO TENDO AS ALUNAS QUE DESPENDER IMPORTANCIA ALCUMA.

SÉDE, DIRECÇÃO E SECRETARIA
RUA DE S. LÁZARO, N.º 127-1.º E 3.º ANDAR

VIDA
MUNDIAL

VIAGENS MARAVILHOSAS IX Por terras do Afeganistão

De quando em quando, o Afeganistão vem à baila nas grandes notícias da guerra. À sua volta há ódios e ambições, cobiças e fanatismos...

No Afeganistão, a história quasi se mistura com a lenda. E até em nós, os ocidentais, essas lendas revestem-se de tons extraordinários.

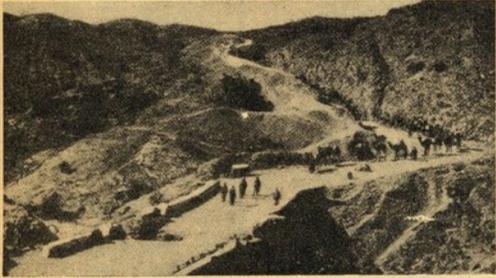
Falar no Afeganistão, nas suas terras, no seu povo, onde há uma verdadeira amálgama de raças e de crenças, é lembrar as «Mil e uma Noites».

Mil e uma noites — que não têm fim. E o Afeganistão, rodeado pela Rússia, pelo Irão e pela Índia — é um daqueles países que mais curiosidade trazem nos nossos sentidos...



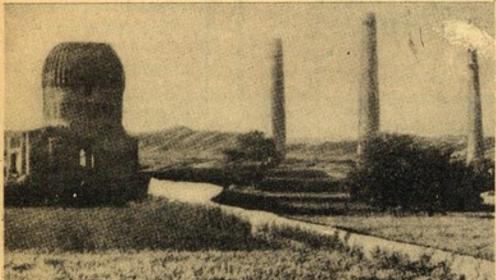
1 — As suas idéias são assim. Parecem erguidas no espaço por qualquer gigante que se entretesse a fazer construções de brincadeira.

E olhadas, cá de baixo, da estrada larga, mais parecem moradias de sonho do que as casas da gente que sofre, luta e trabalha...



2 — A estrada de Khyber é a principal comunicação entre o Afeganistão e a Índia. Diariamente a atravessam grandes caravanas que fazem o intercâmbio de comércio...

E já pertencem ao passado, esses tempos em que a estrada de Khyber era infestada de perigosos bandidos. Hoje, a civilização já chegou lá!



3 — Aqui está um dos mais curiosos monumentos do Afeganistão: o túmulo do célebre Timurid.

Vão aí, por ano, milhares e milhares de forasteiros que visitam o túmulo e recebem depois a bênção sagrada na muito vizinha *Mosca de Herat*, um dos mais velhos templos do Oriente.



4 — Herat, porém, não é célebre apenas pelo seu antiquíssimo templo. Convertete-se num importante centro de negócio, e diante das suas pitorescas portas junta-se geralmente uma grande multidão de mercadores com os seus trajos característicos e os seus negócios de ocasião...



USOS E COSTUMES DOS CASAMENTOS MALAIOS

ENTRE os malaios, sejam eles pobres ou ricos, velhos ou novos, tradicionalistas ou modernos, o casamento é sempre considerado como uma oportunidade para demonstrar grandeza perante o mundo.

Assim, ninguém se poupa a despesas que, por vezes, levam uma vida inteira a pagar... — e as cerimônias nupciais chegam a ter o esplendor duma apoteose triunfal e chegam a levar uma semana, repleta de festas e de banquetes.

Pode-se, pois, avaliar um pouco da alma dos malaios através dos usos e costumes dos seus casamentos. O mais original — e o mais estranho, também — destes casamentos é a ausência total da noiva durante as celebrações religiosas.

Mais ainda: durante uma ou duas semanas — conforme a categoria do enlace... — o noivo não pode, sequer, ver a sua futura esposa porque isso lhe é rigorosamente proibido.

Tudo começa pelo «Moscavi», entretanto. «Moscavi» é, segundo o ritual do próprio Alcorão, o presente que o noivo dá à sua escolhida. Corresponde esse presente ao «pedido de casamento», usual entre nós...

Geralmente, o «Moscavi» vale uma verdadeira fortuna. Mas, segundo manda a tradição, a noiva deve mostrar-se insatisfeita, como que decepcionada com a... modéstia da oferta. E, então, esta será duplicada ou triplicada, ou...

Casa, roupas, mobílias, loiças, etc., ficam a cargo dos pais da noiva. Feliz do noivo, porque nada tem já a preocupá-lo. Simplesmente, o «Moscavi» não mais deixa de o sobrecarregar...

E uso a noiva possuir dez a quinze «vestidos de noiva», todos apenas para as várias fases das cerimônias nupciais.

Ela sai de casa, envergando o vestido mais caro, enquanto as «damas de honra» vestem vestidos tão ricos como os da noiva. A diferença é apenas a seguinte: a noiva casa-se... e as «damas de honra» ficam à espera da sua vez.

Durante a cerimônia na igreja, em presença do sacerdote ou «imam», a noiva compromete-se a coisas como estas, por exemplo: ficar triste, quando o marido estiver triste; jurar que não dirigirá palavras a mais homem algum; prometer obediência absoluta à sogra e não contrair dívidas...

Nas festas são abolidas totalmente as bebidas alcoólicas. Usa-se, apenas, café e leite. Entretanto, como de costume, noivo e noiva andam em casas separadas. Só se podem reunir — finalmente! — passada a semana dos festejos nupciais.

Todavia... as festas continuarão ainda durante algum tempo. E, antes de alguns meses, os recém-casados não poderão suspirar e descansar... das fadigas do casamento.

Geralmente, descansam... quando o primeiro filho está para nascer!

SÍMBOLOS...

MUITAS cidades dos Estados Unidos têm adoptado árvores e flores determinadas para seus símbolos, convertendo-se isso, aos poucos, numa enraizada tradição.

Assim, Rochester é a capital do lílãs, planta que tem aí 384 variedades, enquanto Holland possui uma considerável imensidade de tulpas, e S. José mostra uma declarada predilecção pelas rosas.

Ultimamente, Tennessee apresentou uma colecção de iris única no mundo, e de tal modo grandiosa e célebre que o Conselho Municipal da cidade chegou a propor que o nome de Tennessee fosse trocado pelo de Iris City.

HOSPITAL SUBTERRÂNEO

A guerra, de quando em quando desvenda-nos casos ricos de curiosidade.

Sabe-se, por exemplo, que existe em Praga um hospital subterrâneo, mandado construir como garantia contra os ataques aéreos. Consta de vários andares no sub-solo, ficando o primeiro a quatro metros da superfície e protegido por uma grossa camada de cimento armado. O hospital comporta duzentos leitos e está provido de todo o moderno material cirúrgico.

PÁGINA DAS UTILIDADES



O VALOR DE QUALQUER DESENHO EM PRETO OU COLORIDO AUMENTA-SE UTILIZANDO OS LAPIS DA MARCA

Caran d'Ache

REPRESENTANTES
GERAIS

DUNKEL & ANTUNES, L.^{da}

R. AUGUSTA, 56-1.^o

TELEFONE 2 4231

* LISBOA *

PHILIPS



Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 2 4888



FÁBRICA PORTUGAL



CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA

SALÕES DE VENDA:

RUA FERDINAND MONIZ, 2-2.^a
FR. RESTAURADORES, 49-37
AVENIDA DA REPÚBLICA, 67
RUA DA GRAÇA, 82-84

TELEFONES
47157-8-9
2 4948 * 4 1189 * 4 9109

L I S B O A



MODERNISE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643



**FOGÕES E
FOGAREIROS**

A GAZ NACIONAIS E ESTRANGEIROS
FOGÕES A LENHA OU A CARVÃO

ARTIGOS DE CASA DE
BANHO, TELEFONIAS,
CANDEIEIROS E UTEN-
SÍLIOS ELECTRICOS
DOMÉSTICOS

A PRONTO E COM FACILI-
DADES DE PAGAMENTO

J. COSTA & SILVA, L.^{da}

RUA ARCO BANDEIRA, 70-1.^o
LISBOA—TELEF. 26713

Atende-se a provincia



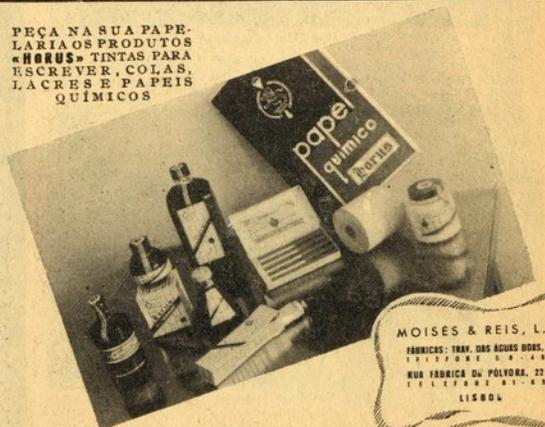
O melhor e mais completo sortido

JOIAS ★ OURO ★ PRATA ★ RELÓGIOS

RUA MARTIM MONIZ, 2-10=RUA DA MOURARIA, 7-11
LISBOA // TELEFONE 2 8336



PEÇA NA SUA PAPE-
LARIA OS PRODUTOS
«HORUS» TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LACRES E PAPEIS
QUÍMICOS



MOISÉS & REIS, L.^{da}
FÁBRICAS: TRAF. DAS ÁGUAS VIVAS, 11
TELEFONE 54-1007
RUA FÁBRICA DA PÓLVORA, 22-8
TELEFONE 41-431
LISBOA

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA

PREGUNTE!

O que é o pulmão de aço?

O «pulmão de aço» é um cilindro metálico, no qual se coloca o doente para obrigar o seu sistema pulmonar a funcionar com uma amplitude e um ritmo convenientes. A cabeça do enfermo fica de fora do recipiente e, dentro do cilindro, uma aparelhagem especial provoca sucessivamente compressões e depressões por intermédio do ar.

Na altura da depressão, faz-se dentro do cilindro um certo vácuo, o que obriga o ar contido nos pulmões a expandir-se, provocando, portanto, a entrada de novas quantidades de ar; quando se dá a compressão os pulmões esvaziam-se.

Este aparelho actua de maneira suave e pode até ser aplicado durante anos, sem fadiga alguma para o doente.

Nos Estados Unidos existe, pelo menos, um «pulmão de aço» para cada cidade. A Inglaterra tinha resolvido construir 5.000 em 1939.

O «pulmão de aço» é usado quando alguém está impossibilitado de utilizar os músculos e nervos apropriados ao acto respiratório. As vítimas da poliomielite (paralisia infantil), que afecta a medula espinal, necessitam de «pulmão de aço» sob pena de asfixia, quer do terrível vírus não se limita a atacar os membros inferiores. Aplicado a tempo e durante o período necessário, os centros nervosos retomam, pouco a pouco, as suas funções.

Os «pulmões de aço» servem, também, para acidentes passageiros, deficiências respiratórias, tais como asfixia por submersão ou electrocução, etc.

(Pergunta do leitor E. F. D. — Lisboa, em carta dirigida a «Página de Ciência Elementar», «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.º.)

HISTÓRIAS SOBRE A BÚSSOLA

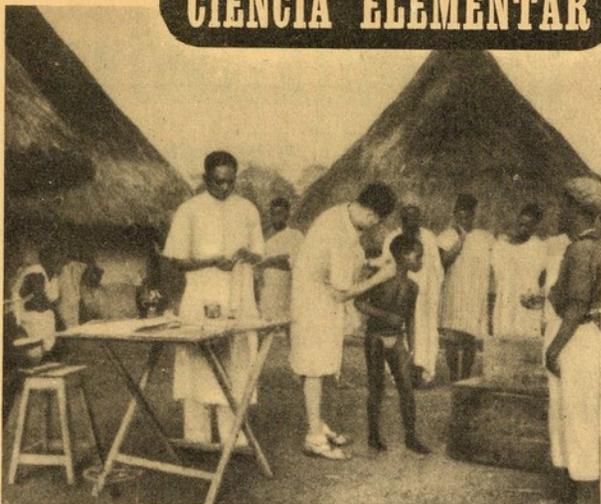
As descobertas de novas terras e as viagens marítimas só se tornaram possíveis quando os homens encontraram a maneira de se orientar longe das costas, sem recorrer à posição de certas estrelas. A bússola, um dos pilares da civilização europeia, só apareceu na primeira metade do século XIII.

Conta-se que Genghis Khan, o famoso conquistador mongol cujo império se estendeu desde o Mar Amarelo até ao Báltico, na Rússia, levou consigo uma espécie de bússola quando veio à Europa em busca de carne. Mas é impossível dizer em que data os marinheiros do Mediterrâneo travaram o seu primeiro conhecimento com essa blasfema invenção do «Diabo», como lhe chamavam as gentes da igreja.

Quando a bússola se foi tornando conhecida na Europa, todos queriam ver a engraçada agulha «enfetizada por Satan» que indicara sempre onde estava o norte, fosse qual fosse o lugar onde se estivesse. A princípio as bússolas chegavam através dos mercadores persas e árabes de Damasco e Smirna, mas a partir de certa altura Venesa e Génova criaram uma indústria própria.

Hoje sabe-se que a agulha magnetizada da bússola não indica o Norte exacto, excepto quando está em certos lugares do globo; em geral, apresenta um desvio para Leste ou para Oeste. Esta diferença é conhecida com o nome técnico de *variação da bússola*. O campo de forças magnéticas que envolve a terra tem os seus polos em sítios que não coincidem com os polos Norte e Sul geográficos, e estão desviados deles várias centenas de quilómetros. O polo Norte magnético está situado na península Boothia Felix, ao norte do Canadá, onde «sir» James Ross o fixou pela primeira vez em 1813.

Por aqui se vê que um capitão, além da bússola, precisa de todo o bordo cartas mostrando as variações da sua bússola nas diferentes partes da terra.



SONO MORTAL

A doença do sono é o maior flagelo de quasi metade da Africa. É causada pelos micróbios chamados «trypansomas». Estes micróbios são transmitidos de corpo para corpo, devido à acção da mosca «tsetse», que se alimenta exclusivamente de sangue. A doença do sono causa uma anemia profunda no organismo, uma hipertrofia no fígado, e uma sonolência que dura até à morte. Graças à medicina moderna, tem sido possível reduzir ao mínimo os casos mortais. A foto mostra o exame de indígenas africanos, a fim de saber quais os infectados.

As maravilhosas invenções de Alexis Carrel

O médico francês Alexis Carrel, há poucas semanas falecido, foi um grande sábio. Em 1911 conseguiu o Prémio Nobel de Cirurgia pelo seu processo de ligação das artérias. Durante mais de quarenta anos, a maior parte dos quais passados ao serviço do Instituto Rockefeller, nos Estados Unidos, applicou o seu génio no estudo da cultura dos tecidos e órgãos.

Em 1912, Carrel colocou um pedaço de tecido — extraído do coração de um pintalhão ainda não saído do ovo — num vidro cheio de certo líquido nutritivo. Em quarenta e oito horas o pedaço de coração dobrou de tamanho e, ao fim de quatro dias, era oito vezes maior.

Decorridos 26 anos, pedaços cortados dos sucessivos crescimentos do primeiro fragmento do coração, continuaram a crescer. Fora do organismo, o tecido teve uma vida muito mais longa!

A falta de uma bomba à prova de micróbios (asséptica), que pudesse alimentar órgãos interiores e a necessidade de os manter fora do organismo, fez com que Carrel se restringisse, durante muito tempo, à cultura de tecidos.

Mais tarde, em 1929, Alexis Carrel pediu ao alemão Rosenberg que construísse uma bomba asséptica, mas o dispositivo accionado por electro-magnetos fracassou completamente. O coronel Lindbergh, fascinado pelo problema, ofereceu-se, então, para a construir. Ao fim de quatro anos e de várias tentativas falhadas, construiu, finalmente, a almejada bomba.

A bomba de Lindbergh é semelhante a um saca-róchas de vidro, saindo de dentro de uma garrafa. O aparelho trabalha a ar comprimido e, no seu interior, corre um líquido nutritivo. O órgão a estudar é intercalado, e o fluido nutritivo, impellido pela bomba, entra no órgão através dum tubo de vidro ligado às artérias, alimentando-o. Depois, o fluido sai e torna a penetrar no reservatório. Flocos de algodão não-absorvente impedem a entrada de micróbios.

Com esta bomba, Carrel manteve vivas, numa média de trinta dias, várias glândulas tiróides, ovários, corações, rins e pâncreas de animais. E os pâncreas continuavam a produzir insulina e as tiróides proseguiram na fabricação de hormonas.

Segundo o próprio Carrel, abriram-se, assim, novas expectativas à Medicina. Os órgãos removidos do corpo humano, no decurso de uma operação ou logo depois de morto, podiam ser ressuscitados na bomba de Lindbergh, voltando a funcionar quando atravessados pelo fluido nutritivo artificial.

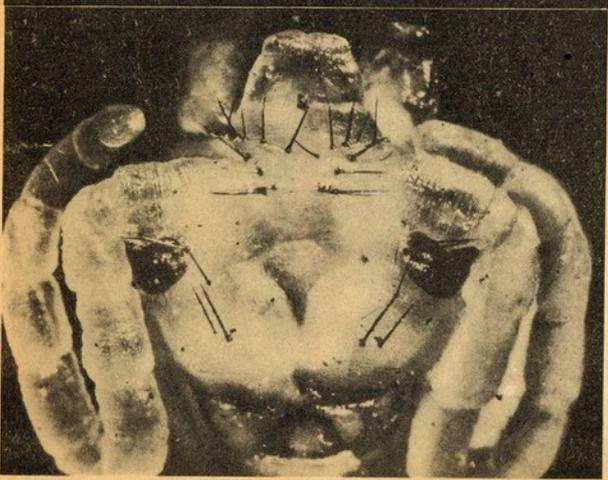
A construção de bombas maiores levará a outras applicações do método. Por exemplo: enquanto os enjermos ficam no hospital, os órgãos doentes poderão ser removidos do corpo e colocados na bomba de Lindbergh. Desta maneira serão tratados de forma muito mais enérgica do que ficando dentro do organismo doente; se se der a cura, eles voltarão a ser enxertados no organismo de origem. Uma tiróide estripada num acto operatório, um rim removido por motivo de tuberculose, ou uma perna amputada por osteo-sarcoma, talvez se possam curar sob a influencia de um meio artificial. Quanto à enxertia, ela não oferece grande dificuldade, visto a técnica cirúrgica para ligar os vasos e transplantar órgãos e membros ter sido desenvolvida e aperfeiçoada há muito tempo.

Os estudos de Carrel sobre líquidos nutritivos e cultura de tecidos, contribuíram muito para esclarecer os problemas do crescimento, da regeneração e da velhice das células do organismo. E com a bomba de Lindbergh prevê-se o aparecimento de uma era de enxertias humanas e substituições frequentes de partes do organismo.

Alexis Carrel é um marco na luta contra a dor e a morte, e, ao mesmo tempo, um testemunho da necessidade, no nosso tempo, do trabalho realizado em laboratórios bem apetrechados e com numerosas equipas de investigadores científicos.

NASCEU UM INSECTO

Este horrível ser que a foto mostra, graças à habilidade dum naturalista atencioso, é apenas um jovem escaravelho. A maior parte dos insectos é transparente como o vidro, nos seus primeiros dias de vida. Enquanto os jovens insectos permanecem nos seus sombrios abrigos, os corpos permanecem nus e é necessária a acção da luz para, pouco a pouco, se cobrirem com uma pigmentação colorida. O sol encarrega-se de fazer a transformação química na pele, criando o abrigo eficaz contra os seus próprios raios. É curioso notar que o mesmo succede com a cor dos negros; o pigmento escuro surge apenas como consequência da acção de certos raios solares.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Holanda

ANTES de fazer o resumo sucinto dos acontecimentos que se produziram na Holanda durante a ocupação alemã, convém referir os acontecimentos dramáticos que precederam essa ocupação.

Foi na noite de 9 para 10 de Maio que os holandeses foram acordados pelo deflagrar das bombas que caíam dos aviões alemães e viram, das janelas, o céu salpicado de inúmeras nuvens esbranquiçadas de onde se desprendiam paraquedistas. Sem qualquer aviso ou declaração prévia tinha começado a invasão da Holanda.

A luta entre alemães e holandeses durou apenas cinco dias. Nem a França nem a Grã-Bretanha estavam em condições de auxiliar a resistência holandesa. No dia 15 de Maio, a cidade de Rotterdam estava completamente destruída pelas bombas da aviação alemã, o corpo de aviação holandesa fora aniquilado e o Alto Comando alemão fizera saber que as restantes cidades holandesas teriam a mesma sorte de Rotterdam se a resistência continuasse. O comandante-chefe das forças armadas holandesas, general Winkelman, deu a ordem de cessar fogo.

A situação militar tinha-se tornado rapidamente insustentável. Uma grande parte das forças de paraquedistas inimigos tinha sido aniquilada. Mas o flanco sul do sistema defensivo, preparado pelos chefes militares holandeses, encontrava-se ameaçado em condições de não poder oferecer uma prolongada resistência. Em Haia a resistência revelou-se eficaz. Mas em Rotterdam nada pudera obstar a que a força dos atacantes dominasse decisivamente o valor dos defensores da cidade.

A ordem do general Winkelman referia-se apenas à situação militar no centro do país. O comando holandês, simultaneamente, determinou que a resistência continuasse na província insular da Zelândia, ao mesmo tempo que a marinha de guerra recebia ordem para continuar o combate. Estas determinações foram cumpridas e a luta prolongou-se ainda durante alguns dias embora ninguém, dentro ou fora da Holanda, tivesse ilusões sobre o seu desfecho final. Os navios de guerra que o puderam fazer recolheram aos portos britânicos enquanto os alemães tomavam conta do país.

INSTALAÇÃO DO GOVERNO EM LONDRES

O governo, com a rainha e a família real, retiraram-se para a Grã-Bretanha, e a Holanda proclamou a sua vontade de continuar a resistência com todos os elementos de que dispunha. Esses elementos não eram, de maneira nenhuma, insignificantes. A Holanda dispunha de um vasto e rico império colonial, um dos mais prósperos do mundo. No momento em que o governo holandês se apercebeu de que a luta desigual no solo da metrópole não podia prolongar-se, tomou as providências aconselhadas pelas circunstâncias, as quais foram pormenorizadamente explicadas pela rainha Guilhermina na proclamação histórica que dirigiu à nação, em 13 de Maio, utilizando as estações de radiodifusão britânicas.

«Depois de me ter convencido, dizia a soberana, de que nem eu nem o meu governo podíamos continuar a exercer livremente a autoridade no solo da pátria, tomámos a dura mas necessária deliberação de transferir a sede do governo para o estrangeiro com a intenção de regressarmos à Holanda logo que isso fôsse possível. O governo holandês encontra-se actualmente em Inglaterra, e não deseja capitular. Por isso os territórios holandeses, que continuam na posse de holandeses, tanto na Europa como nas Índias holandesas, continuam a constituir um Estado soberano que fará ouvir a sua voz e a manifestar a sua vontade, deliberando em comum com os seus aliados, pelos quais continua a ser reconhecido».

A posição da rainha e do governo da Holanda aparecia claramente definida. Era nas suas mãos que continuava a repousar o poder legítimo. Criava-se, assim, uma situação jurídica que servia para garantir o futuro da nação no meio das vicissitudes dramáticas que não deixariam de fazer sentir nos tempos mais próximos e que iam prolongar-se, depois, ao longo de alguns anos. Alguns dias depois a rainha reafirmou esta posição numa nova mensagem radio-difundida, da qual constavam as seguintes passagens: «Para que a voz da Holanda não fique abafada durante os terríveis dias de provação que certamente teremos de atravessar, tomei a decisão solene de transferir os símbolos da autoridade do meu país para o estrangeiro a fim de que eles possam continuar a agir como uma força viva e expressiva».

Essa decisão, acatada pelas potências aliadas e pelas potências neutras de todo o mundo, junto das quais o governo legal da Holanda continuou a ter assegurada a sua representação diplomática, implicava a nulidade jurídica de todas as deliberações e providências tomadas pela autoridade ocupante enquanto durasse o período de ocupação forçada do país.

Depois da capitulação do exército holandês, o comando militar alemão assumiu o poder efectivo nos Países Baixos. Os secretários gerais dos vários Ministérios foram autorizados a tomarem as medidas necessárias para que a vida e a administração do país não cessassem completamente. Entre as primeiras medidas tomadas para esse efeito contava-se a escolha dum alto comissário holandês para tratar da situação das vítimas do bombardeamento aéreo de Rotterdam. Foi também necessário decretar licenças bancárias e emitir papel-moeda, sendo interdito o uso de veículos automóveis excepto em casos especiais.

Pouco a pouco, a vida do país foi-se tornando mais normal. Os jornais reapareceram com a indicação de que só lhes não era permitido publicar notícias que fossem de molde a prejudicar os interesses da potência ocupante. Os cafés e os restaurantes, os teatros e os cinemas reabriram as suas portas. Os membros do partido nacional-socialista holandês, que se encontravam deti-

dos em virtude das suas actividades anteriores, foram postos em liberdade.

Mas logo em 18 de Maio os jornais inseriram o texto dum decreto que determinava entre outras coisas o seguinte: «Para assegurar a manutenção da vida e da ordem pública no território holandês, que se encontra sob a protecção alemã, determino: 1.º — O território holandês será governado por um Comissário do Reich que se instalará em Haia. Este Comissário protegerá os interesses alemães e exercerá a autoridade suprema na vida civil do país. 2.º — O comandante militar alemão em território holandês exercerá a sua autoridade em todos os assuntos militares que se relacionem com a ocupação. As suas ordens serão executadas pelo Alto Comissário. Tem o direito de adoptar todas as medidas que julgar convenientes para o desempenho da sua missão e para garantir a segurança militar do país. 3.º — Para fazer cumprir as suas determinações o Comissário do Reich pode servir-se das forças de polícia alemãs. 4.º — O Comissário do Reich pode, igualmente, servir-se das forças de polícia holandesas para fazer cumprir as suas determinações e para assegurar o exercício da administração. 5.º — O Comissário do Reich para a Holanda será o dr. Seyss Inquart».

A ESCOLHA DO COMISSÁRIO DO REICH

O decreto a que nos referimos tinha a assinatura do Führer. O dr. Seyss Inquart, que nele aparecia designado para o desempenho das funções de Comissário do Reich, era uma personalidade que adquirira rapidamente grande notoriedade em virtude da acção que desenvolvera no seu próprio país, a Austria, quando da realização do Anschluss para o qual contribuíra decisivamente. Ficava como um símbolo na história austríaca e na história da Europa, e a sua atitude seria, ainda por muito tempo, recordada.

Em 25 de Maio, dez dias apenas decorridos sobre o termo das hostilidades em território holandês, o dr. Seyss Inquart assumiu as suas funções em 25 de Maio e mandou publicar uma proclamação em que avisava o povo holandês desse facto. Em 29 realizou-se a cerimónia oficial da transmissão de poderes da autoridade militar para a autoridade civil. A primeira estava representada pelo general Falkenhausen, que depois havia de se celebrar pela sua acção contemporizadora em relação à população local quando as relações entre esta e as autoridades de ocupação começaram a tornar-se tensas. O governo militar da Holanda ficou confiado ao general Christianssen, e o general Falkenhausen transferiu o seu quartel general para Bruxelas, cabendo-lhe o encargo de dirigir superiormente os assuntos militares naqueles dois países durante todo o período da ocupação, até que se produziu o desembarque dos aliados no ocidente da Europa em Junho de 1944.

Nessa cerimónia, o dr. Seyss Inquart pronunciou um discurso no qual disse que o governo holandês, por ter pactuado com os inimigos do Reich, obrigara os alemães a ocupar o seu território. Estes, segundo afirmou, teriam preferido estender a mão aos holandeses num gesto de conciliação, a desembainharem a espada. Ele, porém, não estava ali para oprimir ou exterminar o povo holandês nem para o privar das suas liberdades tradicionais. No final do seu discurso, cuidadosamente preparado, o Comissário do Reich proferiu, porém, algumas palavras que não deixaram de suscitarem, em todos os holandeses, uma compreensível inquietação. «Trata-se, para todos nós, disse ele, de construir uma nova Europa baseada na honra e no trabalho comum de todos os povos que a compõem. O único fim do Führer é conseguir paz e ordem para todos os homens de boa vontade». Era o primeiro convite que os holandeses recebiam para se associar à criação da ordem nova no continente europeu. Não tardaria que soubessem o que isso significava.

(Continua)



A rainha Guilhermina da Holanda, uma extraordinária figura de mulher e de chefe de Estado que conquistou a simpatia do mundo e o apoio das Nações Unidas, teve de transferir-se para a Grã-Bretanha com o seu governo.



O dr. Seyss Inquart, um austríaco, foi, com a ocupação alemã, nomeado comissário do Reich.



Foi o general Winkelman, comandante supremo das forças armadas holandesas, quem deu ordem de cessar fogo, em 15 de Maio de 1940.



A autoridade militar na Holanda ocupada ficou nas mãos do general Falkenhausen, que mais tarde havia de dar boa conta da sua acção contemporizadora.



Quando o general Falkenhausen transferiu o seu quartel general para Bruxelas, o governo militar da Holanda foi confiado ao general Christianssen.



A guerra matou um anjo da paz!

FECHADA na sua cela, Edith Cavell — um dos anjos brancos que foram alívio e consolação dos homens que lutaram na outra Grande Guerra de 1914 — pensava... Revia-se alegre e feliz na sua casinha em Norfolk, revia as amigas, os pobrezinhos que visitava, o pai, a mãe, os lugares mais queridos. Depois, o seu pensamento pulou para o ano de 1906, no qual veio com a família para Bruxelas. Revia o Instituto Cirúrgico, onde ficara como enfermeira. Quantas raparigas tinham acudido ao seu chamamento! Eram belgas, inglesas, francesas que corriam a matricular-se. Edith Cavell sentia-se contente. Contente com essas raparigas cheias de vida e alegria e que se esforçavam por aprender. Edith Cavell pensava e a pouco e pouco o seu pensamento foi focar os meses de verão passados em Inglaterra. Ia sempre nessa quadra do ano para o campo, mas para o sul. Eram as suas férias, a sua alegria em liberdade. Mas fôra justamente num desses meses de férias que o troar do canhão soara.

E a tragédia começou... Edith Cavell regressara então a Bruxelas. Na sua escola de enfermagem, transformada em hospital de sangue, ela trabalhara dia e noite sem descanso, sempre sorrindo, sempre carinhosa. E os escassos minutos de folga, ela empregava-os para rezar. Era com fervor, com toda a sua alma e vibrar de angústia e piedade por todos aqueles que ela vira sofrer, que Edith Cavell pedia a Deus a paz para os homens na terra e no céu!

* * *

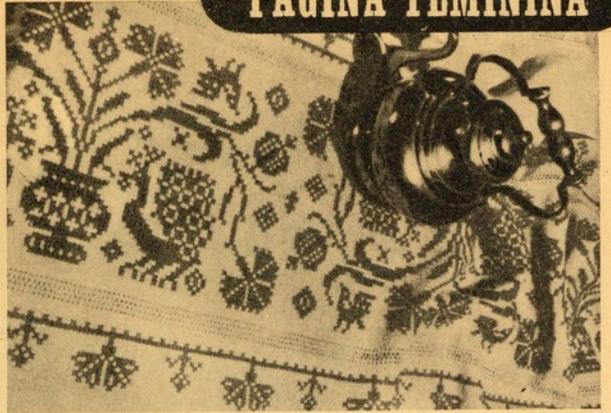
...De mansinho, a porta abriu-se e o cura da capela anglicana de Bruxelas, Mr. Gahan, entrou. Faltavam poucos minutos para que a viessem buscar. Ia ser fustigada. Ela já o sabia!

Levantando-se, ela olhou o cura. Este, estava cabisbaixo, os olhos úmidos de lágrimas. Edith Cavell sorriu-lhe. Estendeu-lhe a mão e a sua voz soou melancólica, tristíssima:

— Meu amigo, não se inquiete, estou preparada. Não sinto ódio nem rancor. Levo apenas saudades. Saudades daqueles que foram bons para mim!

A sua voz baixou mais, quasi cíclio:
— Mas espero que um dia nos encontraremos de novo...
E de cabeça erguida, sorrindo, o seu sorriso de fé e de esperança também, Edith Cavell encaminhou-se para fora, guiada pelo sacerdote, a caminho do local onde um pelotão executor iria derramar o sangue mártir e inocente dum dos raros anjos da terra!...

MARIALIA



Os nossos desenhos

Desenho executado em ponto de cruz e «jours» para tabuleiro ou toalha de mão.

Qualquer leitora que deseje o desenho ampliado e completo deve enviar, para esta secção, a importância de 5\$00 e 1\$00 para porte de correio. (Para maior conveniência pode vir toda a importância em selos de correio).

PARA A NOITE



Para o inverno, é de aconselhar estes íteís modelos. A «liseuse» sobre a camisa de noite pode ser feita em fazenda de lã macia.

Respondendo às leitoras

CARMEN N. — A leitora fará, decerto, o que entender. Contudo, aí val a nossa opinião: Não utilize o seu vestido de veludo de séda preto para passeio. O veludo é mais usado para as últimas horas da tarde e noite. Transforme-o, comprando-lhe um bocado de séda tafeté, por exemplo, ou rendas pretas e torne-o comprido. A saia ponha-a franzida na cintura, género império. Quanto ao corpo, conserve os botões de trás e o decote subido. À frente, abra um decote em forma de coração, bastante descido e preso por «clips» dourados ou em pedras. Todo o corpo do vestido deve ser bem justo. E com o dinheiro que iria gastar num vestido de noite e arranjo do de passeio, poderá ficar com um elegante vestido preto e comprar então uma «toilettes» prática para a tarde numa fazenda de cor que a favoreça.

MARIANITA — Tem razão, querida leitora. É necessário impedir a continuação da queda do cabelo, pois ele é ainda um dos melhores motivos de beleza feminina. Não os descure, portanto. Conserve o seu cabelo o mais limpo possível e favoreça a circulação sanguínea friccionando o couro cabeludo. Para tonificar o cabelo, pode experimentar o seguinte preparado: rhum, 120 gramas; tintura de quina, 15 gramas; tintura de cantáridas, 10 gramas; essência de eucalipto, 5 gramas.

CONSELHOS PRATICOS

COMO USAR OS VINHOS NUM JANTAR DE CERIMÓNIA

- Com a sopa — Xerez ou Madeira.
- Com o peixe — Vinho branco.
- Com a carne — Vinho tinto.
- Com o peru — Champagne.
- Com o doce — Vinho do Pôrto.
- Com o café — Licores.

Os vinhos branco e o «champagne» podem ser servidos gelados. Porém, o tinto nunca deve ser gelado.

Os nossos modelos

Vestido de lã castanha com riscas brancas próprio para o Outono e Inverno. O corpo deste modelo é duma originalidade evidente.

Vestido de séda para jantar. Saia preta e corpo de fundo claro com arabescos. No corpo e no pregado das mangas há duas ordens de franzidos.

A RECEITA DA SEMANA

OVOS A FRANCESA

AGORA que se aproxima o Natal, e, dentro em pouco, reaparecerão os ovos, achamos útil dar às leitoras esta nova receita:

Cortam-se fatias finas de presunto e arrumam-se, sem se sobreporem, num prato de forno, forrado de manteiga. Sobre cada fatia de presunto coloca-se uma fatia de queijo «Gruyères» ou semelhante, e em cima das fatias parte-se um ovo. Delta-se sal refinado sobre as claras e em cima de cada gema, põe-se um pouco de nata fresca, levemente polvilhada com sal. Leva-se ao forno quente até que as gemas fiquem endurecidas. Serve-se no próprio prato de forno, polvilhada de queijo ralado, da mesma qualidade do que cobriu as fatias de presunto.



* A BELEZA DA LINHA USANDO OS PRODUTOS *



23 milhões de toneladas de navios com víveres para a Europa

Á medida que a guerra vai sendo liquidada, os problemas da paz criam volume. E um deles, dos maiores, é o abastecimento das nações de solo revolvido para cultura, de braços inutilizados para cultivar a terra. Sem dúvida, o problema industrial, que ocupa hoje milhões de indivíduos para satisfazer as necessidades da guerra, é também um grave problema. Este, porém, da alimentação, sobreleva-os a todos. Assim, e visto que existe já a U. N. R. R. A. — ou seja, a Administração de Socorros e de Reconstrução das Nações Unidas — o problema está já não só em estudo mas em plena solução. A U. N. R. R., foi criada a 9 de Novembro de 1943, em Washington e 44 são as nações que dela fazem parte, havendo quem se abalance a supor que este organismo se inspira na Missão Hoover, de socorros à Europa, e que funcionou desde 1918, embora com um programa mais reduzido. Actualmente, a U. N. R. R. A. não distribue apenas socorros, nos países libertados; em colaboração com os governos aliados, promove o restabelecimento de vias de comunicação e transportes, para a distribuição desses víveres. Entretanto, tão humanitário organismo — a Cruz Vermelha pode com ele colaborar — não dispõe de «stocks», pois, todas as reservas de matérias-primas existentes nos países livres são centralizadas pelas repartições internacionais, onde estão representados os Estados Unidos, Grã-Bretanha e Canadá. Assim, a U. N. R. R. A. tem de se dirigir a essas repartições que terão em conta, primeiro, as necessidades do exército. A organização é financiada por meio de quotas e cada Estado deve pagar uma soma correspondente a 1 por cento do seu orçamento de guerra. Deste modo, os E. U. pagaram um bilhão e meio de dólares, a Grã-Bretanha 320 milhões, o Canadá 90 milhões.

Segundo se pensa, será preciso transportar para a Europa, 45 milhões 855.000 mil toneladas de fornecimentos, durante os 6 primeiros meses que se seguirão à paz. Uma gigantesca armada de mais de 23 milhões de toneladas de navios serão mobilizados para este transporte, das quais serão para a França 1 milhão e 330 mil toneladas de navios e para a Polónia 1 milhão e 700 mil.

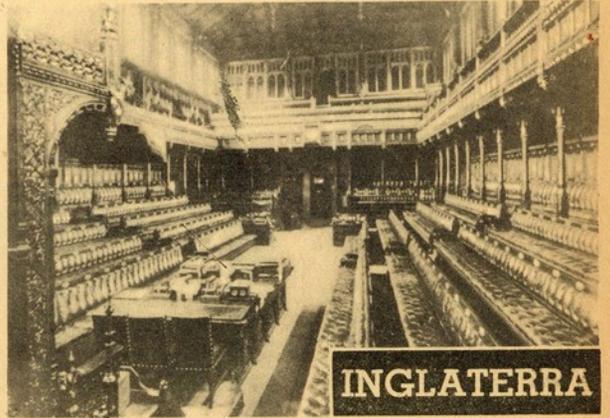
Até agora, porém, na França, não foi posta a funcionar a máquina da U. N. R. R. A., pois os fornecimentos têm sido feitos pelos exércitos aliados.



A vagem de Churchill e Eden a França revestiu-se de um significado que transpõe os limites de um acontecimento quotidiano, para entrar nos domínios da História Contemporânea. Já não se trata de um acto de cortezia ou de amizade, nem mesmo até de um significado público da política do momento: é o recruso definitivo, absoluto, da França ao convívio, à confiança dos povos. Churchill e Eden o reconheceram e disseram: a Europa sem a França seria um corpo sem cabeça nem coração. O destino, a função do momento e os reveses da ocasião. Na foto, vemos o povo francês, aos pés do Arco do Triunfo, quando as tropas da libertação e da resistência desfiliavam perante De Gaulle, Churchill, Eden e membros do Governo Provisório. Lá de cima, do Arco d'Etoile, muitas gerações contemplam em espírito o triunfo de hoje e recordam que ainda ontem, dísse mesmo Arco, anilhados nos seus laçoeres, que parecem de cinzel sobre praça, os ocupantes fizeram fogo sobre a turba heroica e revoltada...



Já está na Bélgica o governo de Sua Majestade o Rei dos Belgas. Pôrto, que seguirá, em 1940, com todo o gabinete da sua presidência para Londres, onde organizou as forças de resistência externa, enquanto o irmão do Rei e actual regente fazia a guerra de resistência interna, já está também em Bruxelas. A política interna — é, ainda, como foi na França, um problema grave o desarmamento das forças do interior — tem acentuado as suas divergências. No entanto, a Bélgica está unida e o povo há-de saber erguer-se da terrível hecatombe donde acaba de emergir. Aqui vemos na foto o governo de Pierlot — o Primeiro Ministro está ao centro, de costas, e é o mais alto — por ocasião das comemorações do 11 de Novembro, o dia do Armistício e da vitória aliada em 1918. Pierlot, em nome do governo, depôs um ramo de flores no monumento ao Soldado Desconhecido.



A foto mostra a Câmara dos Deputados por restaurada. Parece que os ingleses não teriam gasto, nem mesmo as bombas voadoras. De contrário, não teriam gastado, recentemente, 780 mil libras no restauro das bancadas — ricamente estofadas! — na instalação de um novo sistema de iluminação e, ainda, num magnífico sistema de ar condicionado. A foto mostra a Câmara dos Deputados — que é hoje a melhor instalada em todo o mundo. Por isso e por motivos de política, é que recentemente foi anunciado, pela boca do senhor Churchill, e com o desejo de manter a união nacional inglesa, que seria prolongado por mais um ano o mandato dos senhores deputados...

E O PERFIL DO SEU ROSTO SERÁ IMPECÁVEL DE BELEZA!

Ainda que o trabalho seja árduo e o desporto violento, o **Oatine Cream** garantir-lhe-á um parecer róseo de permanente beleza, que, no conceito do homem, constitui a essência da verdadeira formosura. O **Oatine Cream** é o produto mais científico,



o mais recomendado por médicos eminentes, como possuidor das propriedades indispensáveis ao alimento, conservação e restauração dos tecidos cutâneos, esmear o preferido pelas mulheres inglesas.

À venda só nas boas casas, em bisnagas e boîtes de vários tamanhos. Durante o dia empregue **Oatine Snow** o creme oxigenado, que dá à cutis um aveludado de incomparável beleza.

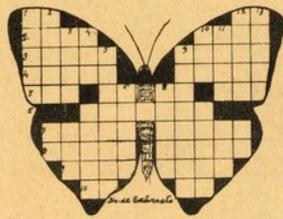


Depósito: Trav. do Cotovêlo, 37

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 56

Por José Rodrigues Correia (Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Abreviatura de Antes de Cristo; gigante venerado dos Assírios. 2 — Nome próprio; pronunciara o que estava escrito. 3 — Ruidos; curam. 4 — Tocas apito; redundava. 5 — Malícia; prefixo latino que corresponde a *bis*; consonantes; abismo. 6 — Experiente. 7 — Expulsem; planta muito aromática. 8 — Nome de mulher; filho de Abraão. 9 — Queres bem; ohm. 10 — Aparência; artigo.

VERTICAIS: 1 — Espaços. 2 — Secção da pele da cabeça; caminho. 3 — Vantajoso; fileira. 4 — Rio da França; a primeira das horas canônicas. 5 — Sapecar. 6 — Habitante do Siam. 8 — Naturalista romano. 9 — Zombaria insultante. 10 — Pátria; verbais. 11 — Estavam; rio de Portugal. 12 — Suplicava; partilha que no dialecto românico falado no sul do Loire, significava *sim*. 13 — Furtar com sutileza.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 55

HORIZONTAIS: 1 — Sambor; sé. 2 — Aires; li. 3 — Lo; selas; ao. 4 — Ada; lates. 5 — Cela; salina. 6 — Invo; moels. 7 — Açodar. 8 — Eras.

VERTICAIS: 1 — Salacia. 2 — Odenec. 3 — Má; alvor. 4 — Bis; Aida. 5 — Orel; oas. 6 — Relas. 7 — Sátam. 8 — Selou. 9 — El; ste. 10 — Ia; ni. 11 — Opas.

DAMAS

(Secção portuguesa)

O JOGO DAS «DAMAS» CONSIDERADO DESPORTO NACIONAL?

E PORQUE NÃO?

Augusto Teixeira Marques e Orlando Augusto Lopes, dirigiram uma carta, focando este assunto, a S. Ex.º o senhor Director Geral dos Desportos, e que abaixo publicamos na integra:

Lisboa, 18 de Novembro de 1944.

Ex.º Senhor Director Geral do Desporto Nacional — Lisboa.

Nas colunas de alguns jornais do mês de Outubro findo, vem publicada a noticia de que o jogo do xadrez já está considerado Desporto Nacional.

Tendo o jogo das «Damas» indiscutivelmente maior numero de adeptos, não seria razoavel que igualmente fosse elevado à categoria de «Desporto Nacional»?

Desculpe-nos V. Ex.º se ousamos apresentar-lhe esta suggestão, mas porque se nos affigura ser de justiça que a mesma seja convertida em realidade, esperamos e agradecemos a boa vontade de V. Ex.º no sentido de sermos atendidos.

Muito gratos pela atenção que se digna dispensar-nos, subscrevemo-nos

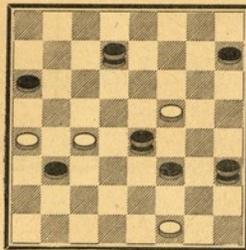
De V. Ex.º — At.º Ven.º e Ogb.º Augusto Teixeira Marques (Dirigente das Secções de Jogo de «Damas» da «Vida Mundial Ilustrada», «Turismo», «Turismos», «Esteras», «Vamos Decifrar», etc.) e Orlando Augusto Lopes (Damista e estudante de medicina).

PASSATEMPO

PROBLEMA N.º 60

(Concurso)

Por Fernando Pereira (Póvoa de Varzim)

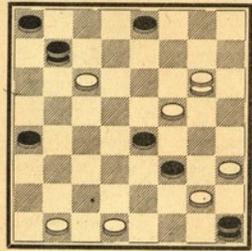


Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 61

(Concurso)

Por Vitorino de Sousa Valverde (Nazare)

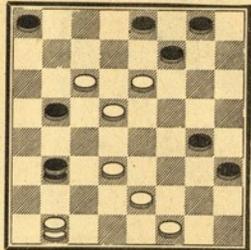


Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 62

(Concurso)

Por Adamast Manuel Pereira da Costa (Pôrto)

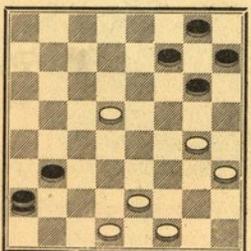


Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 63

(Concurso)

Por Raúl Duarte Girão (Lernes)

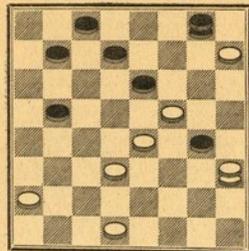


Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 14

(Concurso)

Por Edmundo Sant'Ana de Moraes (Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

CONCURSO PORTUGUES DE PROBLEMAS E FINAIS DE JOGO DE «DAMAS»

Damos hoje por terminado este Concurso, que com tanto brilhantismo decorreu. Breve será publicado um relatório, sendo de seguida feita a distribuição dos prémios aos vencedores.

Os trabalhos que não entraram no Concurso serão publicados em *Vida Mundial Ilustrada* e em *«Vamos Decifrar»*.

CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS», POR CORRESPONDÊNCIA, 1945

A fim de decidirmos se devemos ou não realizar este campeonato, rogamos a todos os «damistas» que não queiram tomar parte, a favor de nos escreverem dando-nos a sua adesão e enviando-nos os seus nomes e moradas.

Para esta prova que, a efectuar-se, terá início por todo o mês de Janeiro p. f., haverá vários prémios de que, previamente, daremos a respectiva lista.

Tem, pois, a palavra os confrades «damistas»!

XADREZ

As forças aliadas com intervenção de forças do Ar dos Estados Unidos e inglesas, brigadas especiais e corpos distintos do exército, jogaram um encontro de doze tabuleiros contra os jogadores do Lud Eagle Chess Clube de Londres, no dia 8 de Julho de 1944.

O encontro terminou com a vitória dos xadrezistas do Clube londrino numa proporção de 6 para 4, tendo em conta que a seu favor jogavam prestigiosos e conhecidos desportistas, como são: Shaw, Alexander, Mieses e Leicester.

Damos a seguir um dos jogos disputados:

GAMBITO DE «DAMA» RECUSADO

Brancas	Pretas
Diggle	Wittaker
1 — P4D	1 — P4D
2 — C3AR	2 — C3AR
3 — P4AD	3 — P3AD
4 — P3R	4 — P3R
5 — CD2D	5 — CD2D
6 — A3P	6 — P3TR
7 — O-O	7 — A3D
8 — P4R	8 — P x PR
9 — C x P	9 — C x C
10 — A x C	10 — C3A
11 — A2A	11 — D2A
12 — T1R	12 — A2D
13 — C5R	13 — P4A
14 — C x A	14 — A x P +
15 — R1T	15 — C x C
16 — D5T	16 — A3D
17 — T x P +	17 — R1A
18 — D3A	18 — P x P
19 — A2D	19 — C4R
20 — D5A	20 — R1C
21 — T x A	21 — D x T
22 — A4A	22 — P3A
23 — A4R	23 — T1C
24 — A5D +	24 — R1A
25 — T1R	25 — R2R
26 — T x C +	26 — P x T
27 — A x PR	27 — D2D
28 — D4R	28 — TD1R
29 — A7AD +	29 — R3A
30 — D x P +	30 — R3C
31 — A4R +	31 — T x A
32 — D x D	32 — Abandonam

(De «Arribas», secção de Manuel de Agostini).

Nota — A significa alfili, ou seja a peça equivalente ao nosso bispo (B).

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

— Vais hoje ou amanhã a casa de Mademoiselle Dièze?
 — Tenho lição às 4 e meia. E tu?
 — Estive hoje com ela. Vou lá todas as quintas-feiras às três horas.
 «Mademoiselle» Dièze, professora de «Piano, Canto e Solfejo», acabara de se instalar na cidadezinha de St. Flour. E, assim que chegou, apressou-se a fazer algumas visitas.
 — É simpática! — diziam os homens.
 — Oh! é tão feia! — murmuravam as mulheres.

Muitas senhoras lhe confiaram suas filhas para que aprendessem os primeiros passos da música. Era uma pessoa «bom», piedosa, e como o sr. Doré estava a ficar muito velho, Mademoiselle Dièze até podia tocar órgão, durante os officios religiosos.

Ela tinha alugado, numa das ruas aristocráticas da cidade, alguns compartimentos de uma velha instalação particular. Uma escadaria de pedra, ladeada por um corrimão de ferro forjado, levava lá acima a casa de Mademoiselle Dièze, uma cara nobre que pertencia à marquesa de C. Quando esta morreu, os parentes de Paris, diziam-se que seu genro e sua filha, tinham ido a St. Flour. Haviam-se demorado três dias e tinham sido vistos, apenas, pelo cura e pelo notário. Ordenaram a remessa do belo mobiliário para a avenida de Bois de Boulogne e partiram como tinham chegado, deixando a M. Xavier o encargo de alugar o velho palacete.

Um dia, M. Xavier recebeu de Paris uma carta, assinada por Irma Dièze, dizendo-se inquilina de uma parte do palácio e anunciando-lhe que, como tal, iria em breve para St. Flour.

Ela viera, instalara-se magnificamente e, um mês depois, quando ensinava música a todo St. Flour, ainda servia de tema de conversas dominicais: alguns compartimentos de uma velha instalação particular.

— Viu a casa dela?

— É magnífica, querida, tem mesmo muito mais gosto para arranjar a casa do que para se vestir!

— Oh! as suas «toilettes»... o seu chapéu esta manhã, à missa!

— Em veludo violeta, com uma plumazinha encarnada... E, depois, o casaco castanho com o vestido de «grenat»...

— Não sei porquê, mas esta senhora traz-me intrigado... — disse, então, M. Xavier.

— Tem um lindo cabelo...

— Mas penteia-se mal.

— Quanto aos olhos, ninguém pode dizer se são bonitos ou feios, com aqueles olhos azues sempre a encobri-los...

M. Xavier tinha ficado viúvo apenas há um ano, mas pensava já em casar de novo. E pensava no casamento com tanta insistência que se dera a fazer a corte à filha de um

Irma Dièze

Novela por

RENÉE DE CHARMOY

comerciante bem dotada mas infeliz nos amores, não obstante ir já nos 32 anos. Não era bonita, era certo. Mas, precisamente, a rapidez com que o pai fizera fortuna não seduzia muito possíveis pretendentes. Porém, M. Xavier pairava acima dessas pequenas coisas, com a sua figura pesada, não obstante ser ainda novo, a sua cor corada e o seu monóculo — que lhe davam uma superioridade incontestável, no meio provinciano.

«Mademoiselle» Dièze também era professora da noiva de M. Xavier. E, claro, as duas falavam dele muitas vezes, porque a menina rica se agradava de contar, em todos os detalhes, os esplendores do enxoval e do seu futuro lar. Tinha mandado vir de Paris bolas de pedras de «lingerie», enquanto que outras seriam feitas em Bruxelas.

— Sim, mas o pior é que o seu noivo não é muito atraente... Tão gordo, tão pesado... e, depois, aquêle monóculo, que é tão ridículo...

«Mademoiselle» Dièze tinha rido, rido sinceramente divertida, de tal modo, até, que a noiva de M. Xavier se tinha melindrado...

Mas «Mademoiselle» Dièze não se importava. Fazia até um pouquinho de gala na sua troça pública.

Oh! parecia impossível como ela escandalizava a sociedade de St. Flour, ela que era sempre tão delicada, tão indulgente, cada vez que se referia ao noivo da sua discípula de piano.

* * *

«Mademoiselle» Dièze tinha acabado de chegar a casa. Esperava-a um calor morno vindo do fogão, na sala que servia, ao mesmo tempo, de casa de estudo. Tirou o casaco e o chapéu e preparava-se para se recolher ao quarto, pois era tarde e regressara de um serão em casa de uma família das suas relações. Inesperadamente, a campainha soou. Eram onze horas. Quem poderia, portanto, visitá-la a uma hora tão adiantada, para os hábitos de St. Flour?

A criada abriu a porta e anunciou o notário. M. Xavier estava ali para lhe falar.

— Desculpe-me — começou o inesperado visitante — vim sem a prevenir e assim tarde, mas eu tinha absoluta necessidade de lhe falar...

«Mademoiselle» Dièze indicou-lhe uma cadeira:

— Posso saber as razões?

— Certamente... «Mademoiselle» essas razões são fortes e baseiam-se numa pergunta e numa resposta que tomo a liberdade de pedir-lhe...

Decididamente, M. Xavier enroscava as palavras e não chegava mesmo a ter coragem de expor o motivo que o levava a casa de uma respeitável senhora a horas inconvenientes... «Mademoiselle» sorriu levemente irónica:

— Enfim, em qualquer caso, não me parece que a resposta seja mais difícil que a pergunta, pelos vistos... Queira perguntar...

M. Xavier cobrou coragem: — Toda a cidade conta alguns

ditos pitorescos a meu respeito, nascidos da boca de «Mademoiselle» Dièze, ao que se diz. Posso saber a que devo a honra de me distinguir com a sua ironia?...

A professora de piano ergueu-se e compôs uma expressão mais séria.

— Quere saber, M. Xavier?

E, dirigindo-se a um pequeno cofre que se encontrava ao centro da mesa redonda, retirou um anel, sem dúvida um adorno sem valor mas particularmente diferente de qualquer outro.

O notário deu um passo em frente...

— Como está em seu poder?...

Ele ergueu os olhos. «Mademoiselle» Dièze tinha retirado os óculos e, ao mesmo tempo, tirava a rede que lhe encobria os magníficos cabelos castanhos...

— Tu, tu, Genevieve?...

E passava, e voltava a passar o lenço pela testa perlada de suor...

— Não, estou a sonhar...

— Mas não, é assim mesmo, sou eu, Genevieve... Há dez anos que nos separámos...

Isso mesmo, havia um baile magnífico, em nossa honra, em casa de meus pais... Meu pai morria nessa noite; com a sua morte veio a sua ruína e, no dia seguinte, eu procurava-o a si, M. Xavier, para lhe devolver a sua palavra e libertá-lo de um compromisso com uma mulher sem fortuna. Mas o senhor tinha partido, embora, ainda na véspera, tomando as minhas mãos, tivesse dito: «que me importa a ruína da tua família, amote e nada mudará entre nós. Nem mesmo a data do nosso casamento»...

«Mademoiselle» Dièze baixou ligeiramente a voz tremente:

— Eu gostava de si, sinceramente...

M. Xavier encostara a cabeça ao espaldar ao cadeira e parecia dominado por uma grande comoção. Ela continuou:

— Foi uma traição, a sua partida. Nunca mais o vi, nunca mais soube de si. Dominei a voz do coração, comeci uma vida nova. Foi professora de piano. Mas, há três meses, pela mãe de uma das minhas alunas, a dona desta casa, soube que vivia em St. Flour. Pretendi um casamento real, quis sair de Paris... vir procurá-lo. Creio que compreenderá o resto, a razão porque vim para esta casa, a razão porque mudei de nome, porque pus óculos escuros, porque me vesti desastradamente, porque escondi a minha cabeleira nesta rede...

Genevieve parou, como hesitante. M. Xavier olhou-a mais inquieto. E ela continuou:

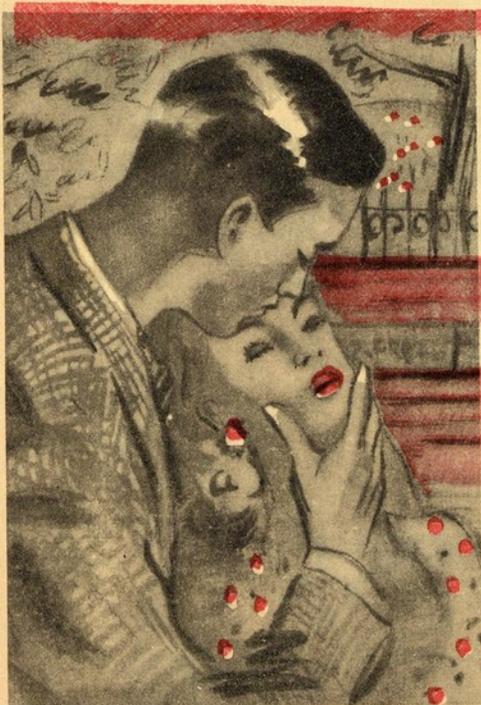
— Quería revê-lo sem ser vista... tentar reatar os laços antigos do nosso amor... porque, apesar de tudo, o coração da mulher permanece às vezes bastante jovem para poder continuar um romance começado...

E de novo «Mademoiselle» Dièze parecia hesitar, perante a muda e afiltiva interrogação de M. Xavier...

— ...Sim, mas eu vi-o tal qual é, na realidade... e, agora, sinto vergonha do amor que lhe tive... Enfim, mas, ao menos, a partir de agora, não voltarei a sofrer por sua culpa...

E estendeu-lhe as mãos num gesto delicado mas de despedida intimativa:

— Quasi tenho vontade de lhe dizer... Obrigada...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2.5844

Composição e Impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27